

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS**

**De Apolo a Narciso, do corpo construído ao corpo vivido:
representações sociais sobre o corpo**

GISELLE MORAES MOREIRA

Juiz de Fora
2008

GISELLE MORAES MOREIRA

**De Apolo a Narciso, do corpo construído ao corpo vivido:
representações sociais sobre o corpo**

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Representações Simbólicas

Juiz de Fora

2008

GISELLE MORAES MOREIRA

**De Apolo a Narciso, do corpo construído ao corpo vivido:
representações sociais sobre o corpo**

Linha de Pesquisa: Práticas Sociais e Representações Simbólicas

Dissertação de Mestrado apresentada ao
Programa de Pós Graduação em Ciências
Sociais como requisito parcial à obtenção
do título de Mestre em Ciências Sociais

Orientador: Prof. Doutor Octávio Bonet
UFJF

Prof. Doutora Mirian Goldenberg
UFRJ

Prof. Doutor Gilberto Barbosa Salgado
UFJF

Juiz de Fora

2008

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, pela vida, pela educação, por terem me ensinado o amor aos livros,

Aos meus irmãos, pelo companheirismo,

Aos professores do Departamento de Ciências Sociais, responsáveis por grande parte do meu conhecimento acadêmico, pelos quais eu nutro grande admiração e respeito,

Ao meu orientador, Dr. Octávio Andrés Bonet, pelos ensinamentos que ultrapassam a ciência, por ter me mostrado o caminho, por ter me permitido caminhar e chegar. Obrigada!

DEDICATÓRIA

Dedico esse trabalho a todos os colegas, profissionais de Ciências Sociais do Brasil, que mesmo com intermináveis horas de estudo, pesquisas, trabalho e publicações, não mereceram ainda o devido reconhecimento por setores privados e públicos. São ínfimas as ofertas no mercado de trabalho, diante de nossa capacidade de questionar, transformar e sonhar com um Brasil melhor. São infinitos nossos potenciais de pesquisar, analisar e propor soluções e mudanças nas sociedades, nos grupos sociais, nas instituições. Por melhores dias e mais reconhecimento.

*Narciso, foste caluniado pelos homens,
por teres deixado cair, uma tarde, na água incolor,
a desfeita grinalda vermelha do teu sorriso.
Narciso, eu sei que não sorrias para
o teu vulto, dentro da onda:
sorrias para a onda, apenas, que enlouquecera, e que sonhava
gerar no ritmo do seu corpo, ermo e indeciso,
a estátua de cristal que, sobre a tarde, a contemplava,
fixando-a sempre, com o seu efêmero sorriso...*

Cecília Meirelles

*É sem dúvida nosso tempo... prefere a imagem à coisa, a
cópia ao original, a representação à realidade, a
aparência ao ser...ele considera que a ilusão é sagrada,
e a verdade profana.*

Feuerbach (Prefacio da segunda edição de *A essência do Cristianismo*)

RESUMO

O presente estudo tem por escopo discutir as representações do corpo na sociedade contemporânea. Para tanto, apresentamos duas grandes vertentes teóricas acerca do tema. Um primeiro grupo de discussões associa o corpo à idéia de objeto, como que construído e modelado pela cultura. Um segundo grupo de discussões apresenta-o como sujeito, identidade. No estudo das representações sociais serão apresentados resultados de pesquisa qualitativa, realizada com a conjunção de entrevistas, discussão em grupo e observação participante. As pesquisas empíricas foram realizadas com estudantes e professores universitários na cidade de Juiz de Fora, MG, e as observações feitas em duas academias de ginástica também em Juiz de Fora. Acreditamos que estudar o corpo é revelar muito da face, dos paradoxos e inquietações do nosso atual contexto social.

PALAVRAS CHAVE: Corpo objeto, Corpo Sujeito, Representações.

ABSTRACT

The present study has in its scope the discussion on the representations of the body in the current society. To that end, we present two major theoretical aspects on the subject. A first discussion group links the body to the idea of object, as it was build and shaped by the culture. A second discussion group presents it as the subject, identity. In the social representation study it will be presented the results of the qualitative research, conducted with the combination of interviews, group discussion and participant observation. The empiric researches were conducted with university students and teachers in Juiz de Fora, MG, and remarks made in two gym academies in Juiz de Fora as well. We believe that studying the body is revealing much of the face, the paradoxes and worries of our current social context.

KEY-WORDS: Body object, Body Subject, Representations.

Sumário

Introdução.....	9
Metodologia.....	11
1 CORPO E SOCIEDADE: TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS.....	16
O século XX inicia uma versão eminentemente personalizada do corpo. O corpo passa a ser uma expressão privilegiada da pessoa. Uma ideologia individualizante chegou a seu termo: profissionais das mais diversas áreas se colocam a serviço do indivíduo. Os tratamentos estéticos e cirúrgicos indicam que o corpo com que se sonha é o que se pode ter. O corpo definitivamente expressa uma coerência interior, uma pacificação consigo próprio. Um princípio de coerência identificando um corpo que fala, um corpo que se exprime numa língua que é sua, a de seu desejo pessoal. O homem tem o direito (e o dever!) de criar um corpo que materializa a parte mais profunda de si, enfim, trabalhar nele para melhor trabalhar sobre si. Esse corpo, portanto, adquire uma instância quase psicológica, representante de vertentes obscuras, mundos não controlados...o corpo, dito de outra maneira, poderia falar. Essa crença neste corpo profundo revela sua identidade com o eu: a pele revelaria nossos estados da alma, as dores ou tensões do corpo revelariam nossos segredos, o excesso de peso revelaria nosso estresse... (VIGARELLO, 2006), assim como, na concepção de Goldenberg (2002, p.7), “a barriga grávida de Leila Diniz materializou, objetivou e corporificou seus comportamentos transgressores.”.....	23
Valoriza-se o corpo e aparência cada vez mais, como resumo de tudo o que restou do homem, como condição de prosperidade, mas principalmente, como se confundindo com o próprio ser humano.....	24
.....	25
2 SOCIEDADE PÓS MODERNA: NARCISISMO, INDIVIDUALISMO E CULTO AO CORPO.....	25
3 DO CORPO OBJETO AO CORPO SUJEITO.....	36
4.1 Representações Sociais.....	49
4.2 Corpo: Saúde e Doença.....	51
4.3 Corpo total e Corpo segmentado.....	61
4.4 Corpo Vivido, Corpo Construído.....	67
Le Breton (1999) considera que as marcas corporais (tatuagens, piercing...) são signos de uma mudança radical em relação ao corpo. "a marca corporal traduz a necessidade de completar, por iniciativa pessoal, um corpo que não chega a incorporar/encarnar a identidade pessoal" (1999, p.98). Nessas práticas de individualização, que levam a uma recriação de si, o corpo se torna uma extensão do eu, a parte visível do "ego".....	74
4.5 Corpo individual, Corpo coletivo: paradoxos das representações do corpo.....	74
Uma infinidade de atributos e representações se associam ao corpo humano na sociedade contemporânea. No entanto, algumas colocações podem ser feitas a partir das discussões teóricas e empíricas aqui apresentadas.....	74
<i>Referências Bibliográficas.....</i>	<i>80</i>
CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. Mana vol.8 nº1, Rio de Janeiro Abril, 2002.....	80

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por escopo discutir as representações do corpo na sociedade contemporânea. A preocupação com o corpo não é um fenômeno recente. Na história da humanidade, o corpo nunca deixou de ser reverenciado, cultuado, domesticado, controlado....No entanto, percebe-se que hoje o corpo se torna um elemento central da vida social, e como tal, fruto de representações variadas. Valoriza-se o corpo e a aparência individual cada vez mais amplamente, e essa valorização se confunde no trinômio: saúde, beleza, juventude.

Embora tema recorrente no cotidiano das pessoas, foi a partir da década de 80 que os estudos sociológicos e antropológicos se voltam para a reflexão do corpo e seu papel na construção de uma identidade na sociedade contemporânea. O corpo modificado, desconstruído e reconstruído através de vários processos, é transformado em linguagem e espaço de debate público; as tecnologias do corpo se proliferam e as práticas corporais se colocam contra a inexorabilidade, o programado, a natureza e Deus (GOLDENBERG, 2002), com ênfase cada vez maior na exibição pública do que antes era escondido e aparentemente mais controlado.

De fato, surgem novas representações acerca do corpo, imagem e beleza se tornam elementos de extrema relevância nos mais diversos campos, sejam eles amorosos, sociais, profissionais. Alguns estudiosos afirmam que, atualmente, mais do que nunca, a aparência física é levada em conta não apenas no terreno do amor e do sexo, mas em todos os relacionamentos pessoais. Queiroz (2000, p.59)

complementa: “nas sociedades modernas, estabelece-se uma identidade entre beleza corporal, inteligência e poder aquisitivo elevado.”

Mas qual a importância em se estudar o corpo? Csordas (1996) observa que a corporificação é um ponto de vista metodológico no qual a experiência corpórea é entendida como sendo a base existencial da cultura e do eu, e, portanto, um valioso ponto de partida para a análise deles.

Numa época de intensas mudanças e declínio de influência de diversas instituições sociais, o corpo aparece, portanto, como importante indicador social. O presente estudo se apresenta como resultado dessa premissa. Como característica de relevo, acredita-se que uma vivência, mesmo sendo primeiramente corporal, seu modo de expressão é cultural, objeto e sujeito de novas representações; neste aspecto, estudar os valores que se desvendam no corpo é contribuir para elucidar um importante indicador dos comportamentos e representações da sociedade atual. Nas palavras de Le Breton: “Pensar o corpo é outra maneira de pensar o mundo e o vínculo social” (1995, p.65)

Isto posto, é o advento deste novo imaginário social do corpo que resulta na inquietação do presente estudo. Acreditamos que estudar o corpo é revelar muito da face, dos paradoxos e inquietações do nosso atual contexto social. A questão que buscamos responder é quais são as representações do corpo e como essas representações se traduzem em práticas concretas? O objetivo principal do presente estudo foi, portanto, o de identificar como o corpo é experienciado e vivenciado, bem como as representações do corpo podem se relacionar a um conjunto de valores e práticas sociais concretas. Especificamente procuramos relacionar investimento no corpo e representações sociais.

METODOLOGIA

Para atingir os objetivos propostos, a metodologia utilizada no estudo foi através de pesquisa bibliográfica e qualitativa. Na pesquisa teórica, abordamos dois conjuntos de teorias. Um grupo de autores associa a idéia de o corpo às experiências e práticas cotidianas como marcas da cultura, ou seja, nessa concepção, o corpo é objeto, contruído e modelado segundo padrões sociais. Um outro grupo de autores privilegia a idéia do corpo como veículo de construção da pessoa ou a idéia de corpo sujeito.

A metodologia empírica aqui utilizada é essencialmente qualitativa. Nesta perspectiva metodológica trabalhamos com um universo de significados, motivos, pressupostos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponderia a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos. (MINAYO, 2001) Consequentemente, a metodologia apropriada para o estudo das representações.

Como primeiro recurso, utilizei da etnografia, especificamente, realizei observação participante em duas academias de ginástica na cidade de Juiz de Fora, MG, e procurei observar as práticas e representações do corpo em salas de musculação. As questões que me propus a identificar são: quais são as representações do corpo em uma academia de ginástica e como o recurso da etnografia poderia contribuir para a articulação dessas informações? Assim, iniciei minhas observações.

Posso afirmar que não existe uma fórmula para se realizar uma pesquisa etnográfica. Ela depende de um contato intersubjetivo entre pesquisador e o objeto

observado e se construirá inicialmente no campo, para uma posterior fase de análise e interpretação.

Geertz (1978) apresenta a etnografia como descrição densa, em que o pesquisador faz uma descrição em profundidade das culturas como teias de significados que devem ser apreendidas. Os indivíduos constroem, na vida em sociedade, os valores que regem seu mundo, criando seus próprios textos, cabendo ao pesquisador fazer a sua interpretação sobre essas interpretações elaboradas coletivamente.

Assim, na perspectiva metodológica de Geertz (1978), trata-se de chegar a amplas afirmativas sobre o papel da cultura na elaboração da vida coletiva, a partir de especificações complexas. Através do conhecimento intensivo de um universo pequeno, chega-se a interpretações largas e a análises abstratas sobre as estruturas conceituais que criam os valores presentes nas vidas dos sujeitos investigados.

Devo confessar, inicialmente, que tive dificuldades em realizar a observação. Por praticar atividade física em uma das academias há algum tempo e depois em outra, me parecia difícil perceber algo que necessariamente fizesse algum sentido, que contribuísse para um estudo sobre as representações do corpo, já que ali é um lugar onde as práticas do corpo são evidentes, explícitas. Além disso, meu discurso era o discurso dos meus pares, eu era “nativa” do ponto de vista antropológico. Portanto, eu era sujeito e objeto, compartilhava das experiências do grupo social e das mesmas práticas e em mim também estavam implícitas (e explícitas) provavelmente, as mesmas representações. Meu primeiro obstáculo, portanto, foi operar essa passagem, se é que ela é possível, e passar da categoria “nativo” a sujeito observador. De fato, o 'antropólogo' é alguém que discorre sobre o discurso

de um 'nativo'. Mas o nativo não precisa ser especialmente selvagem, ou tradicionalista, tampouco natural do lugar onde o antropólogo o encontra.

Segundo Viveiros de Castro (2002, p.01),

O essencial é que o discurso do antropólogo (o 'observador') estabeleça uma certa relação com o discurso do nativo (o 'observado'). Essa relação é uma relação de sentido, ou, como se diz quando o primeiro discurso pretende à Ciência, uma relação de conhecimento. Mas o conhecimento antropológico é imediatamente uma relação social, pois é o efeito das relações que constituem reciprocamente o sujeito que conhece e o sujeito que ele conhece, e a causa de uma transformação (toda relação é uma transformação) na constituição relacional de ambos.

Nos primeiros dias, apenas observava, tentava identificar indícios sobre as representações do corpo, para iniciar minhas descrições. O estudo de Malysse¹ me forneceu algumas pistas sobre o começo. Passei a observar a cena de maneira segmentada: ambiente, roupas, comportamento ritualístico, diferenças de gênero etc. Meu principal desafio seria vencer meu olhar acostumado com aquele cotidiano e deixar transparecer, em meio àquela obviedade em torno de uma preocupação evidente sobre o corpo, algo não perceptível, representações sobre o corpo encobertas pelas práticas ritualísticas.

Foram realizadas também duas discussões em grupo com estudantes universitários. As discussões foram realizadas nos dias 02/06/07 e 26/09/07 em um curso que eu mesma ministrei e em uma instituição de ensino superior privado de Juiz de Fora. Sem dúvida, o assunto corpo traz muitas discussões e representações. Não existem dificuldades para as pessoas se expressarem, parece um assunto que as deixam à vontade para falar. No entanto, não existe consenso nas respostas

¹ MALYSSE, Stéphane Em busca dos (H) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In GOLDENBERG, Mirian. (org). Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca. Rio de Janeiro, Editora Record, 2002.

apresentadas, promovendo muitas vezes discussões que se prolongavam devido à divergência de opiniões.

Por fim, 17 entrevistas estruturadas também compõem a parte empírica deste trabalho. A população desta pesquisa foi composta por professores universitários e estudantes de duas faculdades particulares de Juiz de Fora, compondo um grupo bem heterogêneo em faixa etária, com idade mínima de 19 e máxima de 48 anos. Sem dúvida, professores e estudantes têm um importante papel na mediação social desta temática, já que se constituem em elementos de importância no enfrentamento das questões relacionadas ao consumo relacionados ao corpo, bem como um grupo com grande capacidade de formação de opinião. No entanto, ressalva-se, afirmo também que constituem um grupo bem informado e, como tal, suas representações em relação ao corpo devem ser consideradas como circunscritas a um público semelhante. As análises foram feitas através do agrupamento das questões segundo representações semelhantes, bem como segundo características sócio-demográficas como sexo, idade, escolaridade, sempre que pertinente.

Para a análise dos resultados do conjunto de informações, a observação participante, a discussão em grupo e as entrevistas, optei em agrupá-las em blocos temáticos, a saber: “Corpo: saúde e doença” “Corpo total e Corpo segmentado”, “Corpo Objeto e Corpo sujeito”, que formam as sessões do último capítulo. Optei também por não revelar os nomes das academias e em alguns momentos haverá a confluência de informações de ambas, como se fosse uma, já que o objetivo é o de demonstrar práticas e representações do corpo sem privilégio do espaço.

Finalmente, o presente estudo foi dividido nos capítulos apresentados a seguir.

No primeiro capítulo eu abordo as trajetórias históricas e culturais do corpo. Este capítulo estabelece a relação espacial e temporal dos usos do corpo. Para a discussão do corpo como um dos protagonistas da cena social na contemporaneidade fez-se necessária a contextualização e, portanto, a discussão da sociedade contemporânea, com seus valores políticos, sociais, psíquicos . Esse é o assunto do segundo capítulo. No terceiro capítulo são apresentadas e discutidas as questões teóricas acerca do corpo. Do corpo objeto ao corpo sujeito, as teorias se sobrepõem e se complementam. Os resultados das pesquisas empíricas são apresentados e discutidos no quarto capítulo, onde discutimos também as representações do corpo e seus paradoxos.

1 CORPO E SOCIEDADE: TRAJETÓRIAS HISTÓRICAS E CULTURAIS

Da exuberante perfeição física do Deus Grego Apolo² até a adoração de Narciso³ pela sua própria imagem, o corpo é objeto de reverência, culto e representações.

Além do culto do corpo, transformações históricas e culturais vinculam a Grécia ao mundo contemporâneo, que pela inspiração dos deuses e das musas, constroem e reconstroem os espaços da vida no tempo e no espaço, A Novela “Mandala” exibida em 1987, pela Rede Globo, com base na tragédia grega de Sófocles, “Édipo Rei”, e o Filme “Tróia”, exibido nos cinemas mundiais em 1994, uma adaptação do poema épico “Ilíada” de Homero, que narra a Guerra de Tróia, são exemplos do fascínio que as estórias, lendas gregas e seus deuses exercem sobre nós. A identificação dos ocidentais com os Deuses e lendas gregas provavelmente vem do fato de que eles se assemelham a nós em suas virtudes e pecados, nas suas relações de parentesco, brigas e ciúmes entre pais, irmãos,

² Apolo na Mitologia Grega era um Deus Jovem e belo. Tinha longos cabelos, de reflexos azulados. Sua cabeça era coroada por raios, pois esse Deus também era o próprio Sol, assim como sua irmã Ártemis era a Lua. Daí ser chamado também de Febo, “o brilhante”. Além de deus da beleza na mitologia grega, era também o deus da música e da poesia.

³ Conta a lenda que Narciso, ao se inclinar para beber da água da fonte, viu, de repente, sua imagem refletida na água e encantou-se com a visão. Fascinado, ficou imóvel como uma estátua, contemplando seus próprios olhos, seus cabelos dignos de Dioniso ou Apolo, suas faces lisas, seu pescoço de marfim, a beleza de seus lábios e o rubor que cobria de vermelho o rosto de neve. Apaixonou-se por si mesmo, sem saber que aquela imagem era a sua, refletida no espelho das águas. Nada conseguia arrancar Narciso da contemplação, nem fome, nem sede, nem sono. Várias vezes lançou os braços dentro da água para tentar inutilmente reter com um abraço aquele ser encantador. Chegou a derramar lágrimas, que iam turvar a imagem refletida. Desesperado e quase sem forças, foram estas suas últimas palavras: — Ah!, menino amado por mim inutilmente! Adeus! O lugar em que estava fez ecoar o que dissera. E quando proferiu “Adeus!”, Eco também disse “Adeus!”. Em seguida, esgotado, Narciso se deitou sobre a relva, e a Noite veio fechar seus olhos. Diz-se que, nos Infernos, Narciso continua a contemplar sua imagem refletida nas águas do rio Estige. (In: VASCONCELOS, Paulo Sérgio. MITOS GREGOS. São Paulo, Objetiva, 1998.)

predileções, vinganças. De fato, apresentamos uma familiaridade com a cultura grega na ligação direta que fazemos do transcendental com as coisas práticas da vida, na união de religião e ciência e, claro, na importância do corpo humano como parâmetro estético em nossas vidas.

Tucherman, (1999), afirma que o percurso das imagens do corpo que povoam a cultura ocidental inicia-se na cultura grega, na qual o projeto do corpo ideal faz com que o mesmo seja visto não como uma dádiva da natureza, mas como uma conquista da civilização, base de uma estética da existência.

Os corpos têm também uma importante função de marcar indivíduos e demarcar espaços sociais, bem como assinalam a condição tida por autenticamente humana daqueles que a exibem. Trazem em si inscrições que, ao serem interpretadas, ajudam a escrever uma história pessoal. As modificações no corpo, por exemplo, estiveram presentes em diferentes tempos e civilizações. Desde as ornamentações e marcações utilizadas no período neolítico, tatuagens, brincos nos nativos maoris (da Nova Zelândia), embranquecimento da pele na antiguidade, espartilho da era moderna, assim como as marcas deixadas por escarificações, perfurações, e mesmo mutilações serviam aos mais diversificados fins: beleza, pertencimento ou exclusão de determinada categoria social, homenagens a divindades, só para exemplificar, são sinais inequívocos de identificação ou condição social. (TRINCA, 2007, p.63; QUEIROZ, 2000, p.21).

Entre os europeus, durante os séculos XV e XVII, era comum se esmerar em alterar o rosto, cor da pele e o crescimento dos cabelos, condutas típicas de muitos segmentos em formações sociais hierarquizadas, desiguais, em que a vestimenta costuma expressar e acentuar privilégios de sangue, a condição de classe e o gênero. Um pouco mais tarde, a moda – fenômeno típico da sociedade industrial -

passa a servir à estrutura social, acentuando a divisão de classe. (QUEIROZ, 2000, p.18)

Podemos traçar uma trajetória histórica nas diversas concepções de corpo e a Antiguidade nos traz aspectos peculiares. Nos séculos V-IV AC., Sócrates, Platão e Aristóteles, determinaram a oposição entre dois mundos: o material e o ideal, o corpo e a alma, o desejo e o pensamento. No entanto, os antecessores de Sócrates, pensavam o indivíduo de forma integrada: corpo, pensamento e o mundo invisível dos Deuses faziam parte de um só domínio. (PAIM, STREY, 2004)

Os gregos iniciaram o culto ao corpo e em homenagem ao Deus Supremo inauguraram os Jogos Olímpicos (776 AC). A estética, o físico e o intelecto faziam parte de sua busca para perfeição, sendo que um belo corpo era tão importante quanto uma mente brilhante. O corpo na Grécia Antiga era visto como elemento de glorificação e de interesse do Estado. Porém as atividades corporais das classes menos favorecidas tinham como objetivo a preparação para a guerra. (idem)

Com a Idade Média, a perfeição abandona o culto do corpo e passa a pautar-se pelo culto da alma. O corpo cristão é lugar de tentação e pecado, fonte de culpa e vergonha, devendo por isso mesmo ser domesticado e sacrificado. Toda e qualquer preocupação com o corpo era proibida. A influência da Igreja era grande, extinguindo até os Jogos Olímpicos. Evidencia-se a separação do corpo e da alma, prevalecendo a força da segunda sobre o primeiro. O bem da alma estava acima dos desejos e prazeres da carne e, portanto, acima dos aspectos materiais. A castidade, o ascetismo, a renúncia à carne, são valores promovidos por esta “civilização da culpa”, que vê na dor do corpo um caminho para a espiritualidade. Nesta perspectiva dual do corpo, o indivíduo parece estar dividido em dois, a saber, corpo-mente. O corpo, como arte material do ser em oposição à sua alma. Nesta

definição, então, o corpo é visto somente como um ente físico delimitado sob a pele, que parece ser a última fronteira do indivíduo. (TUCHERMAN, 1999)

No século XVII, Descartes estabeleceu o método para se pensar o corpo humano como máquina. Concebia que os mesmos princípios adotados por Galileu de que o método científico era capaz de providenciar uma interpretação mecânica do mundo físico deveriam ser estendidos ao mundo das criaturas vivas. Assim, ele sistematizou a dicotomia entre mente – uma concepção divina, fora do alcance da ciência – e corpo – um organismo imperfeito que obedece a leis mecânicas. (SILVA, 1999)

De acordo com Vigarello (2006, p.61)

O triunfo de uma razão que controla as formas continua a ser um imperativo importante. A alusão sistemática a uma alma que vivifica o corpo e a mecânica corporal intensificam a arte de aparecer e embelezar. É uma atenção nova ao próprio indivíduo na sociedade moderna(...)

A modernidade e a progressiva secularização da sociedade originam uma nova compreensão do corpo, para a qual são determinantes as descobertas da medicina. Através da observação e da dissecação, revela o seu funcionamento mecânico, substituindo a alma pelo fluxo sanguíneo e pelas reações nervosas como fonte de animização do corpo. (QUEIROZ, 2003; SILVA, 1999)

O corpo humano perdia assim seu caráter divino, intocável, embora permanecesse a oposição e dualidade entre mente e corpo. (SILVA, 1999). Segundo Le Breton (1999), o momento que marca definitivamente a ruptura entre o homem e o seu corpo é o ato de dissecação pelo qual os anatomistas profanam pela primeira vez a barreira da pele, iniciando o desmantelamento do cadáver. Maravilhados pelo mecanismo que descobrem subjacente ao funcionamento do corpo, biólogos e cirurgiões depressa chegam à constatação da sua fragilidade, da precariedade que

o expõe a lesões tão definitivas como o envelhecimento ou a morte. Uma constatação que dá origem ao desejo de superar essa fragilidade, criando “peças” eficazes e funcionais com as quais substitui os elementos falhos da máquina corporal.

Em síntese, o corpo humano é do domínio da natureza, o corpo é puramente corpo, assim como a alma é puramente alma, princípio que autoriza a razão e a ciência, como sua instituição, a conhecer e dominar o corpo humano, tarefas que serão exacerbadas na atualidade. Ao separar radicalmente as dimensões corpo e alma, a perspectiva cartesiana, como abordado anteriormente, reforça a idéia de funcionamento corporal independente da idéia de essência, como uma maquinaria que atua com princípios mecânicos próprios. (QUEIROZ, 2003; SILVA, 1999)

Na ascensão do capitalismo esse processo se solidifica. Com as conseqüentes necessidades que a nova sociedade revela, a concepção de corpo instituída na Idade Média se dissipa totalmente. O corpo é dessacralizado, já não é mais algo proibido de se manipular.

Foucault (1977, p.131) observa que já a partir do séc XVII, o poder político assume a tarefa de gerar a vida em duas formas principais: o corpo como máquina – seu adestramento, ampliação de suas aptidões, extorsão de suas forças, no crescimento paralelo de sua utilidade e docilidade, na sua integração em sistemas de controle eficazes e econômicos; e o corpo como espécie mecânica do ser vivo e como suporte dos processos biológicos: a proliferação, os nascimentos e a mortalidade, o nível de saúde, a duração da vida, a longevidade. Assim, sinaliza Foucault, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo.

De fato, ocorre a desvinculação do homem com o mundo natural, inaugurando o princípio de percepção da existência do indivíduo no interior do seu funcionamento corporal. A oposição filosófica entre corpo e alma tomaria uma nova forma, sendo transferida para mais além, para a oposição entre corpo e indivíduo. (LE BRETON, 1995)

Uma reflexão estética se impõe com o século XVIII e busca uma unidade da beleza, uma referência mais funcional do corpo. É o século em que se inicia a expansão do indivíduo. Começa a se expandir uma atenção ao particular, à conquista de uma identidade singular. Um duplo movimento se inicia: o apego a uma beleza genérica, com a visão de uma silhueta de conjunto, seu equilíbrio, os quadris, o busto, os movimentos flexíveis; e o apego a uma beleza individual, com a visão de uma singularidade invencível, seus indícios, essa graça sempre única que encarna a beleza. (VIGARELLO, 2006,p. 87)

A Modernidade, coroada pelas Revoluções Burguesa e Industrial opera, de fato, essa transformação do ser humano em objeto de conhecimento, com um incremento do interesse pelo corpo. Nesse momento, a ciência e, em especial, uma certa racionalidade, desempenham um papel fundamental; as percepções em torno do corpo vão estar profundamente relacionadas com as novas percepções de universo e de sociedade que vão se popularizar a partir dos avanços da produção científica. (SILVA, 1999)

Com a evidente expansão industrial capitalista, houve também necessidade de disciplinar o corpo do trabalhador para que se tornar-se apto a acompanhar o ritmo da máquina. Por esses e outros aspectos, estabeleceu-se um rompimento com os padrões considerados elegantes até então; ao contrário dos trabalhadores mais robustos, exigiu-se trabalhadores magros, classificados como portadores de mais

destreza e habilidade. (TRINCA, 2007:63). Essa informação revela-se significativa pelo fato de hoje a magreza imperar como estereótipo de beleza.

Assim, “as disciplinas do corpo e as regulações da população constituem os dois pólos em torno dos quais se desenvolveu a organização do poder sobre a vida; faces anatômica e biológica, individualizante e especificante, fatores que caracterizam um poder cuja função é investir sobre a vida, de cima a baixo.” (FOUCAULT , 1977, p.131)

De acordo com Le Breton (2006), Marx e Engels, apesar de não se debruçarem especificamente às análises do corpo, ao analisarem as condições de trabalho no início do capitalismo, pensaram a Revolução Industrial e suas repercussões na vida e saúde dos trabalhadores. Nesta ótica, o corpo é visto de modo atrelado às mudanças econômicas e sociais da época.

Como mostra Foucault (1987), o corpo vai se transformando e é o espaço complexo e heterogêneo de inscrição dos acontecimentos. Ao falar sobre os poderes que se instauram sobre o corpo através de variadas formas de disciplinamento, o autor chama a atenção para dizer que o corpo supliciado, torturado, disciplinado ou dócil, ao mesmo tempo em que é alvo do poder, submetido a novos sistemas de acordo com os diversos interesses, é também fonte de prazer e capaz de construir novas subjetividades. Intensificam-se a proliferação de tecnologias políticas que vão investir sobre o corpo, a saúde, as maneiras de se alimentar e de morar, as condições de vida, todo o espaço da existência. “A vida como objeto político foi tomada ao pé da letra e voltada contra o sistema que tentava controlá-la.” (FOUCAULT , 1977, p.136)

Ciências e técnicas renovam, ainda no início do século XIX, as precisões anatômicas, mas permanece uma longínqua referência de práticas. O corpo ativo é

evocado e ainda submetido às exigências da eficiência motora. Um saber se constituiu definitivamente: a postura definida pela atividade, a tensão dos apoios. Estabelece-se uma vigilância atenta do corpo diante do espelho em pé. Os espelhos invadiram os espaços de intimidade: o corpo nu, pela primeira vez, observa-se, detalha-se, do alto a baixo, em todos os sentidos. (VIGARELLO, 2006)

O século XX inicia uma versão eminentemente personalizada do corpo. O corpo passa a ser uma expressão privilegiada da pessoa. Uma ideologia individualizante chegou a seu termo: profissionais das mais diversas áreas se colocam a serviço do indivíduo. Os tratamentos estéticos e cirúrgicos indicam que o corpo com que se sonha é o que se pode ter. O corpo definitivamente expressa uma coerência interior, uma pacificação consigo próprio. Um princípio de coerência identificando um corpo que fala, um corpo que se exprime numa língua que é sua, a de seu desejo pessoal. O homem tem o direito (e o dever!) de criar um corpo que materializa a parte mais profunda de si, enfim, trabalhar nele para melhor trabalhar sobre si. Esse corpo, portanto, adquire uma instância quase psicológica, representante de vertentes obscuras, mundos não controlados...o corpo, dito de outra maneira, poderia falar. Essa crença neste corpo profundo revela sua identidade com o eu: a pele revelaria nossos estados da alma, as dores ou tensões do corpo revelariam nossos segredos, o excesso de peso revelaria nosso estresse... (VIGARELLO, 2006), assim como, na concepção de Goldenberg (2002, p.7), “a barriga grávida de Leila Diniz materializou, objetivou e corporificou seus comportamentos transgressores.”

O sujeito moderno, dotado de consciência e corpo próprio, ascende à categoria de indivíduo, tendo nesse corpo próprio o limite da sua individualidade, a marca identitária do seu ser e estar no mundo. Por outro lado, mesmo sendo o lugar

do sujeito, o corpo humano da modernidade é um corpo ausente. É a rudeza da carne, a sua contingência e perecibilidade, que emerge no corpo em falha, convocando todos os esforços para expulsar da visão e restaurar a imagem do corpo, que o pensamento moderno associa não à ordem da natureza, mas sim da razão e da cultura. (FIDALGO e MOURA, 2004)

Valoriza-se o corpo e aparência cada vez mais, como resumo de tudo o que restou do homem, como condição de prosperidade, mas principalmente, como se confundindo com o próprio ser humano.

2 SOCIEDADE PÓS MODERNA: NARCISISMO, INDIVIDUALISMO E CULTO AO CORPO

Para destacarmos a importância do corpo e como ele se insere como elemento vitalizador da vida social faz-se necessária uma apresentação prévia e breve sobre o conjunto de transformações que fundamentam a atual sociedade.

Podemos identificar atualmente, traços da emergência de uma nova sociedade, que se apóia em diversas mudanças e características. Esse conjunto de mudanças é destacado em diversas teorias, que se convergem e se opõem, e que ganham diversas concepções, como “pós-industrial”, “pós-moderna”, “pós fordista” etc dependendo da perspectiva e compreensão dos autores.⁴ Percebemos, nesta passagem, as transformações no modo de vida das pessoas comuns — transformações ocorridas nas culturas, no cotidiano e que também incluem mudanças macro em diversos segmentos: na política, no trabalho, na família e na religião; mudanças societárias e psíquicas.

Lipovetsky (2003) define a pós-modernidade por todo um conjunto de traços. Segundo ele, coincide com o culto da autonomia individual, o culto do corpo com o código psicológico e relacional. Observa-se também um recrudescimento do hedonismo, que vem se afirmando já há algumas décadas, em quase todos os

⁴ Destacam-se os autores Domenico de Masi, autor de *Sociedade Pós Industrial e O Ócio Criativo*; Daniel Bell: *The coming of the Post-Industrial Society* e Lipovetsky autor de *A Era do Vazio*, Krishan Kumar. Da *Sociedade Pós industrial à Pos-Moderna*, dentre outros. Conforme sejam o(s) autor(es) que se considere, estamos na era da informação, na era pós-industrial, na era pós-moderna. Não é objetivo aqui, no entanto, identificar e diferenciar as teorias, mas sim compartilhar das informações sobre as várias transformações societárias.

setores sócio-culturais nos países desenvolvidos ou nas classes abastadas dos demais países. Identificamos a exarcebação, por conseguinte, o consumo compulsivo em todas as instâncias, radicando-se principalmente no gosto pelos artigos e serviços, *raves* e notícias sobre o mundo *fashion*.

Atestamos também o declínio do trabalho na indústria e o crescimento dos serviços e outros tipos de ocupação, com seus diversos estilos de vida, motivações, ciclos vitais, ritmos, riscos e recompensas; o aumento dos períodos de folga e o relativo vazio do chamado “lazer”; o declínio das perspectivas de “carreira” e dos empregos vitalícios dando lugar ao que tem sido chamado de “flexibilidade no emprego”, ou desemprego não planejado; longe da linha de montagem, o homem pede descontração e mais momentos de lazer. (HALL, 1997, DE MASI, 2002)

Em essência, as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado. A assim chamada “crise de identidade” é vista como parte de um processo mais amplo de mudança, que está deslocando as estruturas e processos centrais das sociedades modernas e abalando os quadros de referência que davam aos indivíduos uma ancoragem estável no mundo social.

De acordo com Hall (1998), pode-se considerar que o homem percorreu três concepções de identidade. Foi um sujeito do Iluminismo, cuja identidade era fixa, e hoje se apresenta com uma identidade fragmentada. Segundo o autor, a primeira identidade, o sujeito do Iluminismo, estava baseada numa concepção da pessoa humana como um indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado das capacidades de razão, de consciência e de ação, cujo “centro” consistia num núcleo interior, que emergia pela primeira vez quando o sujeito nascia e com ele se desenvolvia, ainda

que permanecendo essencialmente o mesmo - contínuo ou "idêntico" a ele - ao longo da existência do indivíduo. O centro essencial do eu era a identidade de uma pessoa. Já a segunda noção, a do sujeito sociológico refletia a crescente complexidade do mundo e a consciência de que este núcleo interior do sujeito não é autônomo e auto-suficiente, mas formado na relação com "outras pessoas importantes para ele", que mediam para o sujeito os valores, sentidos e símbolos - a cultura - dos mundos que ele habitava. A identidade desse sujeito, portanto, é formada na "interação" entre o eu e a sociedade. O sujeito ainda tem um núcleo ou essência interior que é o eu real, mas este é formado e modificado num diálogo contínuo com os mundos culturais exteriores e as identidades que esses mundos oferecem. A identidade, nessa concepção de homem sociológico, preenche o espaço entre o "interior" e o "exterior" - entre o mundo pessoal e o mundo público. O fato de que projetamos a "nós próprios" nessas identidades culturais, ao mesmo tempo que internalizamos seus significados e valores, tornando-os "parte de nós" contribui para alinhar nossos sentimentos subjetivos com os lugares objetivos que ocupamos no mundo social e cultural. A identidade, então, costura o sujeito à estrutura. Estabiliza tanto os sujeitos quanto os mundos culturais que eles habitam, tornando ambos reciprocamente mais unificados e predizíveis.

No entanto, na concepção de Hall (1998), esse sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável, está se tornando fragmentado. Emerge uma nova identidade, onde o indivíduo é composto não de uma única, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não-resolvidas. Correspondentemente, as identidades, que compunham as paisagens sociais "lá fora" e que asseguravam nossa conformidade subjetiva com as "necessidades" objetivas da cultura, estão entrando em colapso, como resultado de mudanças

estruturais e institucionais. O próprio processo de identificação, através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais, tornou-se mais provisório, variável e problemático. Esse processo produz o sujeito pós-moderno, que não tem uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma "celebração móvel": formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam. Assumimos identidades diferentes em diferentes momentos, de fato, identidades que não são unificadas ao redor de um "eu" coerente.

De Masi (2002), considera que um fenômeno crescente na sociedade atual é a subjetividade. Segundo ele, ela se contrapõe à massificação precedente, feita de uniformização do coletivo e das modas, presente na sociedade anterior. A subjetividade, no entanto, é um fenômeno complexo. Significa que eu tenho tal autonomia de julgamento que posso me permitir uma escolha baseada nas minhas necessidades e recursos e não no fato de pertencer a algum grupo. Passamos então a construir a vida como um *patchwork*⁵: construímos para nós mesmos combinações e arranjos pessoais. Isso se deve ao fato de sermos mais viajados, mais lidos, e, conseqüentemente, termos mais condições de nos orientarmos sozinhos.

A subjetividade, portanto, na perspectiva desses autores, é um fenômeno que está crescendo. O homem teria sempre oscilado entre dois desejos: o de se distinguir e o de se homogeneizar. Após duzentos anos de homogeneização forçada, industrial, hoje a tecnologia nos permite diferenciarmos.

Exacerba-se também uma crise de identidade com instituições que antes eram consideradas sólidas como família, religião e estado. A família perde espaço para o "*mass media*". Ao contrário da modernidade, na pós-modernidade descasa-se

⁵ Expressão que significa "remendado", "feito em retalhos". Palavra que serve para designar um trabalho onde pedaços diferentes de tecidos são costurados, formando um padrão.

com facilidade, reproduz-se pouco e o poder paterno enfraquece, a família diminui, conseqüência da diminuição da taxa de fecundidade. Com a moral branda, surge o amor descontraído, sem preconceitos e sem compromissos. Concretamente, verificam-se mudanças também nos padrões de diferenças de geração, de responsabilidade e autoridade dos pais; o declínio do casamento numa época de incremento do divórcio, o aumento de famílias uniparentais e a diversificação de arranjos familiares; o envelhecimento da população, entre o declínio da ética puritana, de um lado e o crescimento de uma ética consumista hedonista, de outro. Estes são apenas alguns dos deslocamentos das culturas do cotidiano. (HALL, 1997, SANTOS, 1986)

Surge uma nova forma de individualismo: o narcisismo, o qual revela a eclosão de um perfil curioso do indivíduo nas suas relações consigo próprio e com o seu corpo, com os outros, com o mundo e com o tempo. Nas palavras de Lipovetsky,

Uma geração gosta de reconhecer e de descobrir a sua identidade numa grande figura mitológica ou lendária que reinterpreta em função dos problemas do momento. Édipo como emblema universal, Prometeu, Fausto, ou Sísifo como espelhos da condição moderna. Hoje, é Narciso que, aos olhos de um importante número de investigadores, sobretudo americanos, simboliza o tempo presente. (LIPOVETSKY, 1989, p.47)

O capitalismo autoritário cede lugar a um capitalismo hedonista e permissivo, já que se apresenta desembaraçado de valores sociais e morais de outras épocas. As religiões antigas perdem seus fiéis para pequenas seitas sem futuro. Os indivíduos procuram credos menos coletivos e mais personalizados, como meditações, zen-budismo, yoga, esoterismo e astrologia. O homem pós-moderno seria menos religioso e mais psicológico. Pensa mais na expansão da mente que na salvação da alma. Enquanto a cultura religiosa era culpabilizante, negando o corpo e

o prazer, a cultura psi da Pós-Modernidade é libertadora. E ao indivíduo pós-moderno não interessa mais uma consciência vigilante, mas sim, um ego sem fronteiras. (SANTOS, 1986).

Lipovetsky (1989) ressalta que na escolha de caminhos individuais, o processo de personalização dá novo sentido à organização e orientação, gerindo novos comportamentos que conclamam os indivíduos ao exercício do direito de realizar-se com autonomia, à parte do que é comum. O processo de personalização seria uma estratégia global, mutação geral no fazer e no querer das sociedades. Nesta mutação histórica da sociedade pós-moderna reina a indiferença de massa, onde o individualismo personalizado se torna legítimo. Há evidências de que existe uma nova fase que rompe com a ordem disciplinar-revolucionária-convencional que tanto predominou até meados do século passado.

Lasch (1987) define o narcisismo como um recurso de sobrevivência. O narciso, segundo ele, alimenta a insegurança e sua aparente libertação dos vínculos institucionais e familiares não o torna, por conseguinte, mais autônomo ou orgulhoso de sua própria individualidade. Revela luta pela preservação do equilíbrio psíquico em uma sociedade que pretende o respeito de regras de relacionamento social, mas que se recusa, ao mesmo tempo, a fornecer um código de conduta moral sobre o qual elas devem se fundamentar. As ilusões de onipotência do narciso espera dos outros a confirmação de sua própria auto-estima.

O narcisismo emerge então como uma das mais reveladoras faces da atual sociedade. Goldenberg e Ramos (2002) sustentam que o atual contexto social e histórico é profundamente marcado pela instabilidade, e conseqüentemente os meios tradicionais de produção de identidade, tais como família, religião e a política, estão perdendo a força. Esse “desmoronamento” de instituições que antes eram

sólidas, argumento também defendido por Hall (1997), produz espaço para que os indivíduos recorram cada vez mais ao corpo como meio de expressão ou representação do eu. Ainda de acordo com Hall (1997), ocorre ainda uma fragmentação nas identidades culturais, como gênero, raça, nacionalidade, que antes eram sólidas localizações, fronteiras onde o indivíduo se localizava socialmente, e que hoje se encontram como espaços menos definidos.

Goldenberg e Ramos (2002, p.8) afirmam que a cultura do narcisismo revela pessoas obcecadas por ilusões de perfeição física, esmagados pela proliferação de imagens, ideologias terapêuticas e pelo consumismo. Nesse contexto, o corpo emerge como um dos valores centrais da vida social e porque não afirmar, como aquilo que é mais próximo da identidade do ser.

Isso posto, acreditamos que o corpo pode ser identificado como elemento chave da cultura e também da compreensão de um perfil psicológico inédito dos indivíduos. Assim, a atual sociedade pós-moderna, ávida de identidade, instituiu a ruptura com as tradições em nome do "neo-individualismo", deixando a apatia e a monotonia das crenças no futuro, na ciência e na técnica e optando pelo querer viver já e agora, "ser-se jovem em vez de forjar o homem novo" (LIPOVETSKY, 2003).

A sociedade pós-moderna provoca, portanto, um desmoronamento da era moderna rígida, em direção a caminhos mais flexíveis, a diversidade, a escolhas privadas, tendo em vista o princípio das singularidades individuais. O corpo, sem dúvida, se torna um objeto de consumo, onde emergem novos valores e tendências. De acordo com Malysse (2002, p.120), numa sociedade em que as relações sociais são antes de tudo utilitárias, encontra-se a metáfora do corpo como moeda, um fetiche que se vende e se constrói...

O corpo muda sua condição de materialidade em proveito da sua identificação com a pessoa, ou seja, com o ser-sujeito. O corpo já não designa uma abjeção ou uma máquina, designa uma identidade profunda da qual não há motivo para ter vergonha e que pode, portanto, exhibir-se nu nas praias ou nos espetáculos, na sua verdade “natural”.

Pode-se dizer que os cuidados com o corpo refletem o imperativo da juventude, a luta contra o tempo, contra o envelhecimento, contra o desgaste, contra o seu mau funcionamento. Conservar-se, manter-se jovem, não envelhecer é o imperativo da funcionalidade pura, o mesmo imperativo de reciclagem, o imperativo de dessubstancialização, espiando os estigmas do tempo, a fim de dissolver as heterogeneidades da idade. Isso é a finalidade de um sistema personalizado: ganhar tempo e ganhar contra o tempo.

É a era da produção do sujeito pela personalização do corpo promovido à categoria de verdadeiro objeto de culto. Investimento narcísico do corpo diretamente legível através de mil práticas quotidianas; angústia da idade e das rugas, obsessões com a saúde, com a higiene: rituais de controle (check-up) e de manutenção (massagens, sauna, desportos, regimes); cultos solares e terapêuticos (sobreconsumo de cuidados médicos e de produtos farmacêuticos), Incontestavelmente, a representação social do corpo sofreu uma mutação cuja profundidade repercute no comportamento e identidade das sociedades. (DE MASI, 2002, LIPOVETSKY, 2003, LASCH apud LIPOVETSKY, 1989).

A relação homem – máquina que emerge do progresso tecnológico começa, também, logo no século XIX, a deixar as suas marcas no imaginário sócio-cultural, traduzindo-se na criação de toda a espécie de híbridos que simbolizam um misto de fascínio e terror suscitado pelas possibilidades da técnica. A pós-modernidade

assume a carne como material de trabalho e suporte dos avanços da técnica. Penetrada, modificada, desintegrada, a carne é o palco das fusões que anunciam não o fim, mas as possibilidades do humano no futuro evolutivo da espécie. (FIDALGO e MOURA, 2004)

Desde o clássico Frankenstein ao recente *Matrix*, a literatura e o cinema abordam temas que recorrem a esta relação entre corpo e tecnologia num questionamento sobre a fusão do homem com a máquina. Em a síndrome do Frankenstein, Le Breton (1995, p. 52) afirma,

Todo o interesse que os homens modernos demonstraram por Frankenstein vem, sem dúvida, do fato de o sobrenatural, o horror e a ameaça não serem, neste relato, de ordem mágica, nem repousarem sobre a bruxaria ou a necromancia, mas sobre as mais contemporâneas pesquisas científicas.

No mito do *cyborg*, Haraway (1985) pensa o mundo como aquele em que as realidades social e corporal são vividas por uma sociedade que não tem medo de se juntar à matéria inorgânica, de perder permanentemente suas identidades, de experimentar a complexidade e a contradição. Todo o jogo político contemporâneo está no confronto entre essas duas perspectivas. No filme *Matrix*, os temas domínio da tecnologia sobre o homem, a ficção científica e a liberdade constituem a tônica.

Assim, continua Haraway (1985), as realidades da vida moderna provocam uma relação tão íntima entre as pessoas e a tecnologia que não é mais possível dizer onde o corpo acaba e onde as máquinas começam. Desse modo, já não somos puramente humanos: estamos nos construindo a partir do entrelaçamento da máquina e da carne. O “eu” na sociedade narcisista atual se constrói, por exemplo, no contato do indivíduo com as próteses de seu corpo, ou com as máquinas da academia de ginástica. Essa ruptura se radicaliza com as novas tecnologias, onde

as fronteiras entre cultura e natureza entram em colapso. Em suma, o homem contemporâneo é convidado a reconstruir seu corpo.

Para Le Breton (1999), o indivíduo, na sociedade contemporânea, pensa o corpo como um material, como um simples suporte e veículo da pessoa, assim andando e pensando, ele parece se afastar cada vez mais do seu próprio corpo e concebê-lo como uma matéria imperfeita, corrigível e finalmente dispensável,

o corpo é escaneado, purificado, gerado, remanejado, renaturalizado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou eliminado, estigmatizado em nome do grande 'espírito' ou do gene 'ruim'. A sua fragmentação é conseqüência da do sujeito. O corpo aparece hoje como o maior desafio político, ele é o analisador fundamental das nossas sociedades contemporâneas (LE BRETON, 1999, p.21).

Nas representações pós-modernas do corpo e nas novas técnicas corporais ocidentais, o espaço que separa o homem do seu corpo se estendeu. Já entramos no tempo "pós-biológico" da história humana, período no qual a humanidade busca superar as fragilidades e as imperfeições ligadas a sua condição "corporal". As novas tecnologias, com seus discursos, suas experiências e suas descobertas, sonham com um corpo biônico, tão perfeito e controlável quanto um computador, e nos convidam a conceber a carne do corpo como um puro feitiço, do qual seria melhor se livrar logo. (VIGARELLO, 2006)

Dessa forma, vive-se a era do cuidado com o corpo. Combatem-se os signos de sua degradação através de uma constante reciclagem cirúrgica, desportiva, dietética... A decrepitude física tornou-se o grande temor de nossa era! O corpo e o indivíduo estão finalmente circunscritos à pele. Segundo Le Breton (1995, p.153): "*El individualismo inventa el cuerpo al mismo tiempo que al individuo*".

Contudentemente, conclui-se que um dos traços característicos da atual sociedade surge da profunda transformação sofrida pelo corpo, enquanto categoria,

que faz dele um conceito inquietante. O corpo era o mundo do qual se aprendia a destacar, era o “radicalmente outro” do sujeito, condição da sua diferença. O humanismo moderno distinguia o homem como sujeito racional a partir dessa diferenciação em relação aos objetos do mundo. O sujeito impunha-se pela sua capacidade de pensar, pela consciência que tinha de si e do que o rodeava, pelo seu agir no mundo. E o corpo era o lugar dessa identidade, a fronteira entre o sujeito e o outro. (FILDALGO e MOURA, 2004)

3 DO CORPO OBJETO AO CORPO SUJEITO

“Eu sou corpo e nada mais; a alma é apenas uma palavra que designa uma parte do corpo...o corpo é uma grande razão, uma multiplicidade unânime, um estado de guerra e de paz, um rebanho e seu pastor.”
Nietzsche

Já no início do século passado, em estudos voltados para a saúde física e mental no âmbito do processo de industrialização, a relação entre as questões corporais e as questões sociais começam a aparecer timidamente no cenário acadêmico das ciências sociais, especificamente pela via da saúde e das conexões entre pobreza e doença. Mas é importante frisar que isto não contribuiu para tornar o corpo um objeto de estudo a ser explorado pelas ciências sociais. De fato, alguns temas como corpo, emoção, consumo dentre outros, se apresentam como perspectivas recentes no campo das ciências sociais, que privilegiava temas mais macros como o foram a religião e o conhecimento, por exemplo. A antropologia, ao observar o corpo como objeto de simbolizações, foi mais generosa ao abordar o corpo, como o mostram diversos estudos antropológicos.

A partir dos anos 80, no entanto, o corpo surge de maneira expressiva como uma fecunda reflexão na área de ciências humanas. A consolidação dos estudos do corpo, sem dúvida, revelam a oposição natureza e cultura, biológico e social, ou a articulação das instâncias culturais e naturais. O corpo é, certamente, fonte e expressão de símbolos (QUEIROZ, 2000, p.31), está na fronteira entre o biológico e o cultural, mas, na concepção de Csordas (1994), está também no caminho do meio,

constituindo, simultaneamente uma experiência não só biológica, não só cultural, estaria nas duas coisas, no mesmo momento.

Pode-se dizer então que o corpo reflete o espírito de uma época, influencia essa época numa idéia de produção recíproca entre objeto e mundo; além de se converter numa demonstração generalizada de valores sociais específicos, na concepção de Malysse (2002).

O que teria mudado então na atual concepção cultural do corpo? Na perspectiva de Le Breton (2002), a novidade estaria na amplitude que teriam tomado certas práticas e em sua presença constante na vida cotidiana das modernas sociedades ocidentais, instaurando novas relações entre os homens. Verifica-se, de maneira clara, o surgimento de novos valores, critérios e atitudes, um momento em que imagem, saúde e beleza são diferenciais de extrema relevância nos mais diversos campos.

Corpo objeto, corpo como reflexo da cultura, corpo sujeito....ou corpo como máquina, regulado e adestrado como sinalizaria Foucault (1977). Várias concepções e abordagens se voltam para esse ponto de reflexão. Assim, o corpo emerge, como jamais visto antes, como foco de uma ampla gama de estudos bem como surge um mercado cada vez mais diverso para satisfazer seu “culto”. Consideremos, portanto, uma inequívoca relação entre corpo, cultura, sociedade e consumo.

Do ponto de vista biológico, o corpo “em si” é uma entidade universal, todos os animais possuem uma entidade orgânica e uma imagem que os caracterizam. Podemos afirmar que o corpo é um ente integrador, através dele conecta-se aos outros seres vivos, unidos por um substrato universal. No entanto, de organização biológica, o corpo transforma-se progressivamente; ele passa a ser, sobretudo, uma construção sociocultural, de tal modo que em qualquer sociedade, sempre estará

submetido a um conjunto de crenças, normas, controles e intervenções (MAUSS, 1991). A percepção ou interpretação do que seja o corpo é bem subjetiva ou individual e com respostas também localizadas culturalmente. O corpo é, numa perspectiva social, a organização biológica subjacente a cultura e, portanto, um objeto particular de representação.

As emoções são também representativas dessa condição. Bonet (2006) destaca que os estudos sobre as emoções ganham corpo nas últimas três décadas do século XX, quando diferentes campos de saber constroem suas perspectivas e diversas oposições se chocam nesses estudos: natureza e cultura, mente e corpo, interioridade e exterioridade, público e privado, universalismo e particularismo.

Assim como outras experiências corporais, seriam, portanto, as emoções, experiências individuais, biológicas ou culturais? De acordo com Bonet (2006), no conjunto de teorias construídas sobre o tema, um grupo de estudos associados à psicologia experimental buscava elementos universais das emoções com base em características biológicas, neste caso, existiria uma base universal ou uma unidade psíquica da experiência emotiva. Um segundo grupo, composto por estudiosos no campo da antropologia, associa as emoções a significados culturalmente construídos, portanto, a interações culturais específicas. Esses dois pólos demarcam inicialmente os estudos sobre as emoções

De acordo com Détrez (2003), mesmo as emoções, que aparentemente respondem a processos bioquímicos e biológicos, com toda a força de generalização e de universalização, não escapam à relativização, passam igualmente por uma decodificação cultural, variável segundo o país, época ou grupo social.

Damásio (2004, p. 42) afirma que “reações como chorar e soluçar estão prontas na data de nascimento, mas as razões porque choramos ou soluçamos ao

longo da vida variam com nossa experiência”. Merleau-Ponty (1994, p.256-257) observa que manifestações emocionais são vivenciadas de maneiras distintas por culturas diferentes,

Não basta que dois sujeitos conscientes tenham os mesmos órgãos e o mesmo sistema nervoso para que em ambos as mesmas emoções se representem pelos mesmos signos. O que importa é a maneira pela qual eles fazem uso de seu corpo (...). O uso que um homem fará de seu corpo é transcendente em relação a esse corpo enquanto ser simplesmente biológico. Gritar na cólera ou abraçar no amor não é mais natural ou menos convencional do que chamar uma mesa de mesa.

Os dois pólos estruturantes, o psicologista e o culturalista, seriam retomados por um terceiro grupo, nos trabalhos de Le Breton (1999), Geertz (2001) e Reddy (1997, 2001). Esses trabalhos representam uma tentativa de superação da oposição entre os dois enfoques, criando uma teoria que considere supostos elementos universais das emoções, bem como a consideração de tempo e espaço que se traduz na influência da cultura. (BONET, 2006)

A oposição e, posteriormente, a convergência entre os enfoques sociocultural, biológico e psicológico demarcam, portanto, os estudos sobre as emoções. “O conceito e o termo emoção são usados para se referir às experiências que não podem ser categorizadas dessa forma (associados a algum dos pólos em questão) porque envolvem significado e sentimento, mente e corpo e cultura e biologia. (LEAVITT apud BONET, 2006, p.122) De fato, elas também estariam na interface entre o biológico e social, entre caracteres naturais e culturais.

Mauss (1991) é um dos clássicos autores que contribuem para reflexões a respeito da dualidade corpo natural/corpo cultural. “O corpo é o primeiro e mais natural instrumento do homem. Ou mais exatamente, sem falar de instrumento, o primeiro e mais natural objeto técnico, e ao mesmo tempo, meio técnico do homem é

o corpo” (MAUSS, 1991: p.211, 217). Ao introduzir a noção de técnica corporal, Mauss afirma que esse conceito diz respeito às maneiras como os homens, sociedade por sociedade, sabem servir-se de seus corpos. Mas o corpo, teoriza Mauss, deve ser analisado sob um tríplice ponto de vista do homem total que é o biológico, sociológico e psicológico.

Para ele, em todos esses elementos da arte de utilizar o corpo os fatos de educação predominam. A noção de educação podia se sobrepor à de imitação. A criança, como o adulto, imita atos bem sucedidos que ela viu serem efetuados por pessoas nas quais ela confia e que têm autoridade sobre ela. O ato se impõe de fora, do alto, mesmo que seja um ato exclusivamente biológico, relativo ao corpo. (MAUSS, 1991)

Nesta mesma linha de pensamento, Détrez também associa os atos do corpo a um aprendizado. Ela afirma,

Se a frase de Simone de Beauvoir não se nasce mulher, torna-se mulher obteve tanto sucesso, foi sem dúvida porque nela e resume o processo de socialização, regente da existência dos indivíduos. Esta socialização é igualmente incorporação, modelagem dos corpos pelas normas e as representações culturais e simbólicas, próprias a cada sociedade. Assim, paradoxalmente, o corpo, muitas vezes visto como o lócus por excelência do íntimo e do pessoal, pode ser considerado como o laço da interação entre o indivíduo e o grupo, a natureza e a cultura, a coerção e a liberdade. (DÉTREZ, 2003, p.1)

No conceito de *habitus*, desenvolvido por Pierre Bourdieu, essa ênfase na dimensão cultural se fundamenta no pertencimento social. O *habitus* é considerado como constituindo todas as experiências passadas, matriz de percepções, apreciações e ações. Nesta conceituação, a dualidade indivíduo e sociedade se dilui; a sociedade se torna depositada nas pessoas sob a forma de disposições duráveis, ou capacidades treinadas e propensões estruturadas para pensar, sentir e agir de modos determinados, que então as guiam nas suas respostas criativas aos

constrangimentos e solicitações do seu meio social existente. O *habitus* está inerente a cada ator social e de certa forma define-o, tal como aos seus gostos e estilo de vida, estando associado à pertença a uma classe social e, de acordo com o meio em que evoluem, os indivíduos se comportam de forma diferente. Há, neste processo, uma constante interiorização de normas, usos e obrigações. O conceito de *habitus* permite unificar as práticas e explicar como a posição social de um indivíduo influencia desde a alimentação, a saúde e práticas esportivas e, fatalmente, determinam seu corpo de maneira diversa. Mas o *habitus* se constitui enquanto um ato tradicional e eficaz que deve supor, antes de mais nada, a existência de um corpo, uma forma pré-reflexiva do corpo introjetar e instrumentalizar padrões sócio-culturais. (BOURDIEU, 1991).

Détrez impõe uma separação nítida entre biológico e social e complementa a ênfase de Bourdieu. As noções e representações do corpo, também nesta perspectiva, seriam um aprendizado contínuo. O corpo do bebê, da criança que cresce, do adulto, é, antes de mais nada, aquele de uma menina ou de um menino. Nas cores escolhidas, nos papéis que desempenham, há sempre um aprendizado e delimitação clara entre os sexos, numa assimilação contínua do que homens e mulheres podem e devem fazer, para serem homens e mulheres. As ditas evidências biológicas parecem existir apenas para serem melhor negadas: a adequação entre órgãos sexuais, "gênero" social e identidade psicológica, o "corpo vivido", está muito longe do universal. (DÉTREZ, 2003). Ela sugere,

Além dos exemplos antropológicos, que mostram as múltiplas combinações possíveis destes elementos, de modo geral a identidade sexual é o produto de um processo de sexuação ou de incorporação de princípios sexuadores. Se o fato de ser uma menina for um dado da natureza, ser feminina, comportar-se como uma menina, é o produto de um aprendizado. (DÉTREZ, 2003, p.1)

Não existe, portanto, maneira “natural” no adulto. E com mais razão ainda quando outros fatos técnicos intervêm - o fato de se andar calçados, por exemplo, transforma a posição dos pés. Ao contrário de uma evidência e uma construção biológica, observa-se a idéia de rompimento com a evidência do corpo natural. Isso posto, Marcel Mauss afirma que o corpo é a matéria prima que a cultura molda e inscreve de modo a criar diferenças sociais. Cada gesto, cada atitude depende da sociedade à qual se pertence, são atos modelados pela educação e pela imitação. (MAUSS, 1991)

O que percebemos é que a cultura aparece como referência central nas perspectivas desses autores. O corpo, como um idioma, é submetido às grades culturais de cada país, grupo social, segundo "um código, secreto e complicado, escrito em nenhum lugar, não conhecido por ninguém, mas seguido por todos" (SAPIR apud DÉTREZ, 2003).

Queiroz (2000, p.19) complementa,

o corpo e o uso que fazemos dele, bem como as vestimentas, adornos, pinturas e ornamentos corporais, tudo isso constitui, nas mais diversas culturas, um universo no qual se inscrevem valores, significados e comportamentos, cujo estudo favorece a compreensão da natureza sócio-cultural.

Mauss (1991) considera ainda que cada sociedade desenvolve seus hábitos próprios. Técnicas seriam “maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seus corpos”; um ato tradicional e eficaz. Do concreto ao abstrato, não inversamente. Toda técnica propriamente dita tem sua forma e o mesmo vale para a atitude do corpo. Através do conceito de técnica, Mauss (1991) endossa veementemente a importância da cultura no desenvolvimento da concepção de corpo.

Esses autores compartilham da noção de que o corpo mantém uma relação sólida com os processos sociais; de fato, segundo eles, apropriado e adestrado pela cultura, o corpo é concebido socialmente e alterado segundo crenças e ideais coletivamente estabelecidos.

No entanto, a fronteira entre corpo objeto – fruto incontestável das marcas e intervenções da cultura - e corpo sujeito – corpo subjetivo, onde há o domínio da experiência ou da forma como as experiências são vividas, bem como se apóia na possibilidade de ação e na confusão com o próprio ser - não é de um discernimento fácil. O corpo seria, simultaneamente, objeto e sujeito, construído e vivido.

De acordo com Csordas (1994, p.1), tipicamente o tipo de corpo para o qual a sociedade se acostumou é uma entidade fixa, material, sujeito às regras empíricas de ciência biológica, existindo antes de uma mutabilidade, fluxo de mudança cultural e diversidade e caracterizado por necessidades internas inalteráveis. O corpo novo que começou a ser identificado já não pode ser considerado como um fato bruto de natureza.

O corpo hoje aparece, portanto, como a interface entre a individualidade naquilo que tem de mais singular e o grupo, mas igualmente entre a biologia e o social. ‘Dentro’ e ‘fora’ desvanecem-se, cedendo lugar a uma nova premissa: ‘através’ do corpo, espelho da atual dificuldade em estabelecer-lhe uma fronteira precisa. (FIDALGO e MOURA, 2004). Alves e Rabelo (2004, p.175) afirmam que o corpo aparece hoje não apenas como matéria em que se inscreve o texto da cultura – e que, portanto, pode ser lida ou decifrada – mas também como produtor de sentido, lócus em que se articulam formas de conhecimento e intervenção sobre o mundo.

De um ponto de vista social, o corpo pode ser visto tanto como princípio de individuação como de subjetivação. Paradoxalmente, de uma visão íntima, constitui o nó onde se articulam o indivíduo e o grupo, a natureza e a cultura, a coerção e a liberdade. Se as sociedades tradicionais marcam a lei sobre a pele como sobre um pergaminho, em nossas sociedades contemporâneas, as partilhas sociais tomam o corpo modelando as morfologias e as maneiras de se comportar, de acordo com suas representações culturais. (DÉTREZ, 2003, SANT'ANNA, 2001)

O corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto ferramenta, agente e objeto: ele é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. Assim, toda a expressão corporal é apreendida, e, como já afirmado antes, faz-se necessário reafirmar a interdependência entre o que chama de domínio físico, psicossocial e social, afirma Mauss. (1991)

Csordas (1994) endossa que entender o corpo como o lugar da subjetividade constitui um desafio para as teorias que colocam mente/sujeito/cultura em paralelo com corpo/objeto/biologia. A possibilidade de que o corpo poderia ser entendido como um assento de subjetividade é uma fonte de desafio às teorias na qual o assunto mente/cultura é desdobrado dentro de um paralelo e em contraste com biologia/corpo. O autor critica tanto o biologismo como o sociologismo nas perspectivas sobre o corpo.

Para o biologismo o corpo é o substrato biológico objetivo mudo sobre o qual sentido é sobreposto. Para o sociologismo o corpo é uma lousa em branco sobre a qual sentido é inscrito, um sinal físico a ser movido ao redor num ambiente simbólico pré-estruturado, ou a matéria bruta a partir da qual símbolos naturais podem se gerados para o discurso social. (1994, p.9)

Nesta mesma concepção, outros autores se colocam. Merleau-Ponty observa que o corpo já não é matéria inerte ante o espetáculo da cultura, é corpo vivido, perpassado pela subjetividade. (apud RABELO e ALVES, 2004,1 p.82).

O homem hoje tornou-se senhor do seu corpo, o que só é possível a partir de um ideal de uma separação entre o indivíduo e seu corpo. A oposição histórica entre corpo e alma teria tomado uma nova forma, sendo transferida agora para mais além, para a oposição entre corpo e o próprio indivíduo.

O corpo torna-se uma espécie de alter ego do sujeito, um outro, maleável de acordo com suas vontades. No imaginário, essa alteração do corpo remete a uma alteração moral do homem: sua passagem a um outro tipo de humanidade autoriza a constância do julgamento ou do olhar sobre ele. (LE BRETON, 1995; 1999)

Assim, as intervenções não seriam exclusivamente marcas da cultura. Transplantes, implantes, próteses, conexões, substituições, rompem a pele que fechava e delimitava o território do sujeito, transformando o corpo num feixe de ligações entre elementos distintos. Nesta simbiose do homem e suas intervenções, o corpo emerge como processo, como projeto, forçando homem a repensar o estar no mundo e as possibilidades do devir (in)humano. (FIDALGO e MOURA, 2004)

O redimensionamento da categoria corpo leva a mudanças muitas vezes despercebidas, mas bastante profundas no cotidiano das pessoas, que são surpreendidas a cada descoberta e a cada nova barreira transposta em matéria de instrumentalização do corpo. Todo o movimento de investigação científica dentro do corpo demonstra essa nova forma moderna de lidar, representar e se apropriar do corpo. “o corpo, esse cartão de visitas de carne e osso..., é uma verdadeira apresentação de si próprio por meio da aparência.”(MALYSSE, 2002,p.109)

Esta é uma definição inclusiva que serve como ponto de partida para se pensar em modificação corporal num sentido amplo, na idéia de produção recíproca entre homem e mundo. Os corpos são reconstruídos, remodelados e ressignificados de diversas formas e com os mais variados propósitos; enfim, a pessoa deixa de ser difusa.

Haraway, citada por Csordas (1994), argumenta que o corpo não é uma entidade objetiva, pois a própria biologia é determinada situacionalmente: “o ‘corpo’ é um agente, não recurso”. Na questão formulada por Maurice Merleau-Ponty, Csordas ainda aborda a questão da seguinte forma: Meu corpo tem seu mundo, ou entende seu mundo, sem ter de fazer uso de minha função “simbólica” ou “objetivante” (1994)

Na experiência do corpo há um escorregar contínuo entre passividade e atividade, exterioridade e interioridade, objeto e sujeito (MERLEAU-PONTY, 1992). O corpo deixa de ser a velha vestimenta social que asfixiava a pessoa. O eu, ao que parece, está finalmente fixado e a circunscrição do ser físico está feita e torna possível sua objetivação. A idéia do corpo humano se precisa e a pessoa deixa de ser difusa. Verifica-se a idéia de uma produção recíproca entre corpo e mundo, corpo como princípio de individuação e subjetivação⁶. (LIMA, 2002, p.10)

O corpo, numa perspectiva ampla é, individual, social e político, diz Csordas (1994). Não é um corpo objeto, mas um corpo agente, um corpo que se constitui, neste caso, é necessário um corpo para estar vivo. Essa mesma concepção pode ser experimentada, embora num viés mais poético, nas palavras de Andrade (2007),

(...) não saberia me desfazer desse corpo que não sou inteiramente eu sem me desfazer de mim por inteiro. Há, assim, uma

⁶ É preciso salientar que Lima, nessa colocação, se refere à idéia específica de corpo que Maurice Leenhardt (1947) explora na perspectiva do povo canaca (Nova Caledônia). No entanto, embora específica de um grupo social, acredito que a observação seja pertinente às questões aqui comentadas.

desproporção entre mim e meu corpo ao mesmo tempo em que há uma indissolubilidade entre nós dois: cometeria suicídio tranquilamente se eu mesmo pudesse depois limpar a casa, vestir o cadáver, atender as visitas, consolar os íntimos, ir ao enterro e voltar sozinho e conciliado, livre de mim e pronto para outra. Mas não posso exterminar o meu corpo sem ir com ele. Sem também me extinguir. E não me venham falar de imortalidade da alma porque nada sei de alma, nada sei da alma sem meu corpo. Toda experiência que tenho da alma, eu a tenho no horizonte de meu corpo: dor e gozo estão na alma, mas é o corpo quem sofre; é o corpo quem goza. (ANDRADE, 2007)

O corpo é a síntese das situações vividas pelo sujeito, mais ainda, é a marca de sua inserção em uma tradição. Todas as suas experiências são integradas em uma simbiose espontânea, a um esquema corporal que expressa a modalidade particular de ser no mundo do indivíduo, enquanto membro de uma cultura ou uma classe. (ALVES e RABELLO, 2004)

Na noção de “incorporação”, Csordas reclama o corpo enquanto “agente e experienciador” (CSORDAS, 1996). O autor atenta para o surgimento de um novo paradigma do corpo, por meio do qual busca problematizar as dualidades e dicotomizações, tais como natureza x cultura. Além disso, procura escapar da idéia do corpo enquanto um objeto onde a realidade social seria “inscrita” ou “textualizada. Csordas formula então a idéia de corpos sujeitos – e não objetos – de cultura. A ênfase do autor não se volta para as representações simbólicas que tomam o mundo enquanto realidade exterior aos corpos, mas para as práticas e o “estar no mundo”.

Nesta mesma direção caminha a afirmativa de Le Breton (1995, p.36), “nossa existência é primeiro corporal. O corpo é objeto de individualização, estabelece a fronteira de identidade pessoal. Porém, moldado pelo contexto social e cultural ele também emerge como ator”.

O corpo não mais designa uma espécie de máquina; de casca que envolve todo um universo que é o ser humano: o corpo passa a designar a identidade; é

confundido com a pessoa e, sob essa perspectiva, deve ser exibido! (RABELO e ALVES, 2004, p.183)

Percebe-se que, nessa crescente glorificação do corpo, uma tendência cada vez mais forte de libertá-lo de suas origens culturais, morais, genéticas e religiosas. Enfim, ao que parece, esse processo se mostra atrelado, de maneira inequívoca à cultura, como afirmado por autores aqui apresentados. Mas permite algo mais. Mostra também novas representações que denotam, pela primeira vez na história, o encontro de corpo e alma, de corpo objeto e corpo sujeito, veículo de expressões e do eu.

4 REPRESENTAÇÕES DO CORPO

4.1 Representações Sociais

No presente capítulo são apresentados e discutidos os resultados das pesquisas empíricas realizadas com o propósito de identificar as representações do corpo através de suas práticas cotidianas. Para tanto, optei pela utilização da metodologia qualitativa através dos recursos da etnografia, da discussão em grupo e de entrevistas estruturadas. Mas, inicialmente, respondo o que são representações sociais e para, posteriormente, apresentar as representações do corpo.

Não existe um só conceito de representação. Os estudos sobre as representações tiveram início com Durkheim quando propôs a expressão “representação coletiva”. Seu objetivo era designar a superioridade do pensamento social em relação ao pensamento individual. Durkheim é coerente em relação a essa temática em seus estudos. O livro “O Suicídio” revela essa intenção do autor em associar um ato considerado até então, dos mais individuais e íntimos como sendo um fenômeno social, cujas explicações se encontrariam na dispersão dos laços sociais⁷. Com o conceito de representação social não é diferente. Do ponto de vista de Durkheim (1970, p.21), as representações sociais ou “representações coletivas”, expressam a primazia da sociedade em relação ao indivíduo. “Um homem que não pensasse por meio de conceitos não seria um homem; pois não seria um ser social, reduzido apenas aos objetos da percepção individual, seria indistinto e animal.”

⁷ DURKHEIM, Emile. O Suicídio. São Paulo: Martins Fontes, 2000 (Col. "Tópicos").

Segundo ele, a representação social é uma modalidade de conhecimento particular que tem por função a elaboração de comportamentos e a comunicação entre indivíduos. Portanto, para ele é a sociedade que exerce uma ação coercitiva sobre as consciências individuais, na medida em que reduz as possibilidades de manifestações individuais, pois o indivíduo encontra as formas coletivas de pensar formadas e conforma-se a elas.

A representação social pode ser considerada então uma construção de conhecimentos que possibilitaria aos homens tornar inteligível a realidade física e social, permitindo sua inserção num grupo ou numa ligação cotidiana de trocas. De acordo com Paez (1987 p. 316-317), as representações sociais são sistemas cognitivos com uma lógica e uma linguagem próprias. Não são apenas imagens ou atitudes, mas, inclusivamente, teorias que permitem a descoberta e a organização da realidade. O processo de representações sociais constrói e reproduz a realidade atribuindo-lhe um sentido e procura um guia operativo para a vida social e para a resolução dos problemas e conflitos.

Moscovici (1994) define representações sociais como sistema, idéias e práticas que desempenham uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que permita aos indivíduos orientarem-se a si mesmos no seu mundo social e material, dominando-o; e, em segundo lugar, permitir a comunicação a ter lugar entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código destinado ao intercâmbio social e à classificação e nomeação sem ambigüidade dos vários aspectos do seu mundo e da sua história individual e grupal. Ao contrário de Durkheim, Moscovici introduz na noção de representação a ênfase no sujeito ativo e construtor; o autor confere à sociedade um peso diferenciado da perspectiva durkheimiana, e de certa forma, amplia a capacidade explicativa do conceito. Segundo ele,

Nos dois mundos, o da experiência individual, todos os comportamentos e todas as percepções são compreendidas como resultantes de processos íntimos, às vezes de natureza fisiológica. No outro mundo, o dos grupos, o das relações entre pessoas, tudo é explicado em função de interações, de estruturas, de trocas de poder (...) Esses dois pontos de vista são claramente errôneos pelo simples motivo de que o conflito entre o individual e o coletivo não é somente do domínio da experiência de cada um, mas é igualmente realidade fundamental da vida social. (MOSCOVICI, 1994, p. 16).

Para Minayo (1996), as representações sociais constituem uma categoria básica para fundamentar o trabalho de campo em pesquisa social. O termo representações sociais se refere à matéria – prima para a análise do social e também para ação pedagógico-política de transformação por serem ao mesmo tempo ilusórias, contraditórias e verdadeiras. Nas ciências sociais, as representações sociais são definidas como “categorias de pensamento, de ação e de sentimento, que expressam a realidade, explicam-na, justificando-a ou questionando-a” (MINAYO, 1996, p. 158).

Resumidamente, a representação é uma forma de conhecimento socialmente elaborada e partilhada, que tem um objetivo prático e concorre para a construção de uma realidade comum a um conjunto social.

4.2 Corpo: Saúde e Doença

A busca incessante pelo corpo perfeito e o avanço de tecnologias do corpo fazem emergir, em contrapartida, um grande mercado que inclui plásticas, academias de ginástica e estética, produtos de beleza femininos e masculinos, revistas, dentre milhares de possibilidades de informação e transformação. Esta relação, não entanto, não pode ser identificada como de causa e efeito. O mercado da beleza é um setor que movimenta hoje, anualmente, 160 bilhões de dólares no mundo. A beleza e o estilo ganham o centro das atenções no mundo de hoje e

influenciam a economia, o comportamento e a cultura, ou são criados por ela. (CARELLI, 2004)

À medida que o corpo assume tamanha importância é pertinente ressaltar que a insatisfação neste domínio pode ter um impacto negativo sobre a auto-estima. Dada sua centralidade na vida social, passa a ser cultuado de forma a garantir saúde, beleza e juventude. No entanto, em outro extremo, fica perceptível que o culto do corpo tem se deslocado para doenças nunca antes diagnosticadas. Muitas pessoas percebem uma forte ligação entre a auto-estima e a aparência e exageram para atingir o que consideram ser uma imagem física desejável. É difícil delimitar a importância do auto-conceito físico mas, quando levada a extremos, ela pode condicionar as pessoas a uma imagem distorcida traduzindo-se em diversas consequências para a saúde física e emocional. (SOLOMON, 2002)

Observa-se que a prevalência de doenças está absolutamente associada a uma época determinada e a determinados valores culturais. Assim, as patologias ou, no mínimo, os sintomas, evoluem e se transformam ao longo do tempo ou entre as diversas culturas, mostrando-se, portanto, sensíveis às mudanças sócio-culturais. É de fato o que se evidencia hoje com as doenças do corpo como exemplificam a bulimia, a anorexia e a vigorexia, que serão discutidas posteriormente.

A preocupação com o corpo revela também números surpreendentes. Uma pesquisa realizada pela Universidade de Harvard em dez países revelou que mais de 90% das brasileiras pesquisadas se dizem descontentes com o corpo e apenas 1% se declararam totalmente satisfeitos (TRINCA, 2007, p.61)

Nas discussões em grupo e entrevistas realizadas essas colocações aparecem, por exemplo, nas afirmações de algumas entrevistadas. Quando perguntados se existe uma preocupação com o corpo, uma participante de um grupo

de discussão respondeu: “Não deixo de comer por causa do corpo”. Logo foi rebatida com a colocação de outra entrevistada que afirmou “Eu deixo de comer”. Outras mulheres disseram que também se sacrificam pelo corpo, seja através da alimentação, seja na prática de exercícios físicos. Nesta questão, observei uma nítida divisão entre a relação do corpo e idade, os mais jovens disseram se preocupar com a estética quando se fala em corpo, já os entrevistados mais velhos se mostraram mais preocupados com a saúde.

Quando perguntados sobre a primeira imagem que vêm à cabeça quando se fala a palavra corpo, uma entrevistada afirmou “Um corpo definido, saudável e também a idéia de bem estar. Mas quando estou fora do peso fico deprimida, o que mudaria minha resposta.” Um entrevistado do sexo masculino afirmou: “Associo a satisfação pessoal, culto e academia”. Uma outra entrevistada mostrou uma perspectiva crítica em relação ao culto do corpo: “Hoje em dia o corpo está muito em evidência, na busca da perfeição, por causa da ‘indústria da beleza’ que estabeleceu um padrão, considerando que a pessoa saudável é aquela que se enquadra nestes quesitos, independentemente dos meios utilizados para isto. O bem estar espiritual não é levado em consideração. Assim, muitas pessoas buscam incessantemente um corpo saudável, mas nem sempre estão satisfeitas.”

Entre os homens, de uma maneira mais tímida e certamente mais irônica, essas preocupações também transparecem através de sua falas:

“O meu corpo já foi melhor, precisa de reparos...” Esse estudante, de 45 anos, afirmou que começou a se preocupar com o corpo a partir dos 40 anos, bem diferente da maioria dos entrevistados, que afirmaram que se preocupam com o corpo a partir da adolescência ou um pouco mais tarde, com cerca de 20 anos. O

mesmo entrevistado continuou “...mas não fiz nada...”, afirmação que provocou muitos risos entre os outros participantes da discussão.

Nas entrevistas, um professor universitário, quando solicitado a listar quais as atividades relacionadas ao corpo que pratica, respondeu: “Nenhuma e isso me incomoda muito” (31 anos). Um outro professor, 45 anos, do sexo masculino, esse praticante de atividade física, afirmou: “...uma relação neurótica com o corpo não é saudável. Agora, cuidar sim, alimentar-se bem, praticar esportes pode ajudar numa questão meramente de equilíbrio mental.

A preocupação com o corpo e suas conseqüências são fatos, sejam relacionados à saúde, ou para se condicionar aos padrões estéticos. As palavras “estética”, “beleza” “bonito”, apareceram de maneira significativa nas associações com o corpo, assim como as expressões “corpo sarado”, “corpo ideal”, nas pesquisas realizadas, só para exemplificar. Dados de uma outra pesquisa, “Aspectos sociais do consumo de alimentos, drogas e cuidados corporais⁸”, realizada em Juiz de Fora, revelaram que, entre os habitantes pesquisados da cidade, 54% demonstraram preocupação com o peso. Esse percentual subiu para 68% entre os estudantes da Universidade Federal de Juiz de Fora. (VARGAS et al, 1999, p. 408).

Segundo Queiroz (1999, p.57,58), o número de mulheres que fazem regime para emagrecer é tão elevado que o padrão alimentar “normal” delas, em alguns países ocidentais como Brasil e Estados Unidos, por exemplo, seria ser caracterizado como uma permanente dieta.

Assim, muitas mulheres podem escorregar sutilmente para uma patologia.⁹

⁸ Pesquisa financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa de Minas Gerais, FAPEMIG, na qual participei como Bolsista de Aperfeiçoamento.

Uma estudante entrevistada, de 19 anos, afirmou: “Sou uma pessoa extremamente vaidosa. Trabalhei como modelo durante três anos e isso me fez estar sempre focada na estética em detrimento de outros aspectos como a saúde, por exemplo, mesmo que de maneira involuntária.”

Nas academias de ginástica a relação corpo - saúde e doença também aparece facilmente articulada com as práticas dos freqüentadores. Início minhas observações com uma breve descrição da população e dos ambientes das academias.

As duas academias observadas são freqüentadas por pessoas de ambos os sexos em uma, e predominantemente masculina em outra, embora, na segunda, esse perfil tenha, aos poucos, se alterado, com a entrada de mulheres. No entanto, em ambas, o público jovem, de 20 a 30 anos, é maioria. Em uma das academias, pode-se uma certa democracia dos corpos. Por apresentar uma maior extensão de idade que a outra, nem todos se enquadram num padrão estético do corpo magro e/ou musculoso. Na outra academia, no entanto, o padrão estético é bem freqüente. Nesta, como já afirmado, a maioria dos freqüentadores é masculina, mas mesmo as mulheres apresentam uma performance corporal condizente com os padrões pré-estabelecidos. Algumas mulheres são bem musculosas, carregam pesos às vezes iguais ou superiores aos dos homens, atraem olhares de curiosos e/ou de admiração, até porque vestem roupas justas e decotadas na maioria das vezes,

⁹ Em 2006, uma argentina foi internada às pressas em um hospital de Mendoza. A estudante de 21 anos pesava somente 28 quilos. O normal para sua estatura seriam 60 quilos. Segundo os médicos, ela se recusava a comer e pediu uma balança quando chegou ao hospital, pois se achava gorda. Maria foi diagnosticada com anorexia, a mesma doença que matou a modelo brasileira Ana Carolina Reston no começo de novembro de 2006. A morte da modelo chamou a atenção mundial para a doença. Na Espanha, modelos raquíticas estão sendo banidas dos desfiles. No Brasil, os donos de agência decidiram dar mais assistência nutricional e psicológica às modelos. (Fonte: www.terra.com.br. Acesso em 22/11/06. 16:37)

deixando transparecer músculos e formas. Muitos dos freqüentadores masculinos são seguranças e/ou lutadores.

As duas academias dispõem de muitos espelhos. Em uma delas, os espelhos ocupam duas paredes inteiras e dão a impressão de engordar. Um dia, no vestiário, ouvi uma freqüentadora perguntar para a outra: - os espelhos lá fora engordam? Me senti imensa! A outra riu e disse que sim, os espelhos dão a impressão de engordar. Nesta academia, os freqüentadores são em grande parte, homens, que parecem, em sua maioria, preocupados em ficar mais musculosos. Neste caso, um espelho que engorda, não é algo tão problemático como para as mulheres.

Uma das academias possui ainda duas pilastras no meio, com imagens de homens e mulheres extremamente musculosos, cujas fotos têm grande impacto; o olhar deles está direcionado a nós e é como se dissesse: se você quiser, pode ficar assim. Essa estratégia, ao que parece, inspira um convite à malhação, mesmo que o desejo não seja um corpo com tantos músculos, elas nos remetem a uma possibilidade infinita de transformação e busca da perfeição.

Alguns dos vários distúrbios contemporâneos relacionados ao corpo, a anorexia e bulimia, esses mais associados às mulheres e um distúrbio de diagnóstico recente, chamado vigorexia ou Síndrome de Adonis, esse relacionado principalmente aos homens, são, sem dúvida, conseqüência dessa busca pela perfeição dos corpos. Nos últimos anos, a demanda para atingir um corpo magro e/ou musculoso e um ideal utópico de beleza tem feito com que pessoas mais vulneráveis desenvolvam algum tipo de Transtorno Alimentar.

A Vigorexia é uma das mais recentes patologias estimuladas pela cultura do corpo, embora não tenha sido ainda catalogada como doença específica pelos manuais de classificação (CID.10 e DSM.IV). Esse transtorno, mais comum em

homens, se caracteriza por uma preocupação excessiva em ficar forte a todo custo. Apesar de bastante musculosos, os portadores desse transtorno passam horas na academia malhando e ainda assim se consideram fracos, magros e até esqueléticos. Uma das observações psicológicas desses pacientes é que têm vergonha do próprio corpo, recorrendo assim aos exercícios excessivos e a fórmulas mágicas para acelerar o fortalecimento, como por exemplo, os esteróides anabolizantes. (BALLONE, 2004) Não se pode afirmar, no entanto, que os freqüentadores da academia ou parte deles, possuam o distúrbio, as informações apenas sinalizam para a associação do universo masculino com uma preocupação em ter músculos evidentes.

A Vigorexia e, em geral os Transtornos Alimentares exemplificam bem a influência sociocultural na incidência de alguns transtornos emocionais. Embora não seja objeto desse trabalho discutir esses transtornos, mas sim as representações do corpo, acredita-se, no entanto, que uma breve descrição e diferenciação dos mesmos que, como afirmado, tem uma notável influência sócio-cultural, faz-se necessária.

Características Comuns da Anorexia e da Vigorexia

1. Preocupação exagerada com o próprio corpo
2. Distorção da Imagem Corporal
3. Baixa autoestima
4. Personalidade Introversa
5. Fatores sócio-culturais comuns
6. Tendência a automedicação
7. Idade de aparecimento igual (adolescência)
8. Modificações da dieta

Diferenças Básicas entre a Vigorexia e a Anorexia	
Anorexia	Vigorexia
Autoimagem Obeso	Autoimagem de fraco
Automedicação laxantes, diuréticos	Automedicação anabolizantes
Sexo Feminino	Sexo Masculino

In: BALLONE GJ, 2004

Malysse (2002) observa que as situações da apresentação do corpo durante as práticas de perpetuação (ou manutenção do corpo) permitem fazer aparecer as outras dimensões que constituem o modo de ritualização – em particular as que dizem respeito ao gênero - e de produção do corpo. A Produção do corpo ritualizado e da aparência corporal bem marcada socialmente invade todas as práticas de perpetuação. Assim, para este autor, nas academias de musculação, modos de produção do corpo são utilizadas como forma de manutenção ritualizada do próprio corpo. E, principalmente, a visão do corpo do outro influencia a percepção que cada indivíduo tem de seu próprio corpo. A afirmação de uma praticante de musculação endossa a constatação de Malysse. Numa conversa informal, a estudante afirmou: “eu achava meu corpo bonito, depois que me matriculei na academia de ginástica, passei a achá-lo feio”. Pode-se afirmar que aqui existe a idéia de um “narcisismo às avessas”, em que o corpo do outro torna-se objeto de admiração e desejo, numa minimização dos próprios atributos físicos. Em locais como academias de ginástica, praias, ou mesmo em cenas cotidianas, essa afirmação tem uma grande veracidade. Corpos ideais são constantemente veiculados pela mídia, o que torna o descontentamento com o próprio corpo e a idealização do outro como uma importante indicador de representações.

Um estudante universitário, 21 anos, afirmou “meu corpo é meu bem maior, sempre o considerei assim. É através dele que eu existo e me mostro aos outros.

Essa afirmativa, nos remete, incontestavelmente, à discussão feita de corpo sujeito, corpo como sinônimo de identidade, descrita no capítulo anterior. O estudante continua, (...) Eu me procupo muito com ele, em sempre estar cuidando dele com boa alimentação, higiene e me manter equilibrado. Eu era todo saradão antes de um acidente de moto. Era bom demais, todos olhavam, cobiçavam, mas depois do acidente engordei 8 kilos e agora entrei numa dieta pesada e já perdi 6 quilos...”

A preocupação com o corpo revela números expressivos. Dados da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) indicam que a cada ano cerca de 500 mil pessoas se submetem a plásticas no Brasil, no que Ribeiro e Zorzetto classificam como uma espécie de Narciso às avessas, em que as pessoas em vez de adorar o corpo que se tem, vêem nele apenas os defeitos. O país só perde para os Estados Unidos, líder em número de cirurgias estéticas. Segundo Osvaldo Saldanha, secretário-geral da SBCP, estima-se que o número de cirurgias aumente de 20% a 30% por ano - ou cinco vezes mais. Nos Estados Unidos, a Sociedade Americana de Cirurgiões Plásticos (ASPS, na sigla em inglês) contabilizava 400 mil cirurgias estéticas no país em 1992. Dez anos mais tarde, esse número saltou para 6,6 milhões - um crescimento astronômico de 1.600% ou 16 vezes. (RIBEIRO e ZORZETTO, 2004, p.3)

Neste fenômeno que Malysse (2002), chama de “corpolatria”, existe uma obsessão psicológica com o olhar do outro sobre seu corpo, os desejos simétricos de ver e ser visto acabam por se transformar em personalidades corporais a serem construídas sob medida, numa espécie de Narciso às avessas.

É preciso insistir nesta crescente massificação. O corpo se torna uma prática diversificada e generalizada, não discriminando país, raça, classe social, gênero. Vigarello (2006, p.173, 174) aponta que a cifra de negócios dos produtos de beleza

no mundo quadruplicou de 1965 a 1985, a dos cosméticos em geral duplicou de 1990 a 2000, passando de 6,5 bilhões a 12 bilhões de euros...o número de salões de beleza sextuplicou de 1971 a 2001, passando de 2,3 mil a 14 mil...a consequência é um desenvolvimento de práticas estéticas numa escala desconhecida até então.

Nas academias não é difícil perceber que o olhar não se reserva ao corpo em si, mas também ao ritual desenvolvido pelo dono do corpo bem esculpido. Como se ao repetir aquele ritual, as consequências em relação ao corpo pudessem se também se repetir, produzindo simbolicamente um corpo tão bonito como aquele; isso é visível principalmente entre as mulheres. Além do bumbum, preferência nacional, uma outra parte do corpo se revela como constante preocupação entre atividades nas academias – o abdômen. O abdômen bem trabalhado, “seco”, “sarado”, sem gordura parece ser o desejo da maioria dos praticantes de atividades em academia e quando conquistado é naturalmente exibido entre as mulheres, com *tops* que deixam a barriga à mostra, muitas vezes associadas ao um *piercing* no umbigo. Aliás, em uma das academias essa preocupação com o abdômem bem definido e revelado pela quantidade de aparelhos de abdominal, dos mais diversos tipos e intensidades. Não é à toa que vários pesquisados associaram a palavra corpo a “barriga”, barriga sarada”, “abdômem sarado”.

4.3 Corpo total e Corpo segmentado

Em ambas as academias, depois da recepção, a sala de musculação é o primeiro ambiente de ginástica que se depara quando se entra. Na primeira parte, ficam os aparelhos, um ambiente para exercícios aeróbicos (bicicletas, esteiras e televisão) e uma parte com sala para alongamento, exercícios com caneleira e abdominais.

Em uma delas, tem um grande mural com fotos de lutadores, muito musculosos, reportagens e cartazes informando eventos relacionados a lutas e alterofilismo. A decoração das academias revela uma homogeneidade na imitação de um mesmo modelo e todas codificam visualmente uma relação antes de tudo funcional e estetizante do corpo. (MALYSSE , 2002, p.95)

Na sala de aparelhos, percebe-se uma divisão obviamente funcional mas que coincide também com as práticas desenvolvidas por homens e mulheres. Os aparelhos voltados para exercícios de pernas ficam mais concentrados em uma parte da sala, enquanto os aparelhos para ombros e braços estão geralmente concentrados em outro lado da sala. Esses são os preferidos do sexo masculino e ficam posicionados em frente a um grande espelho que cobre toda a extensão da parede. Uma primeira observação permite afirmar que os homens se comportam de maneira mais narcísica que as mulheres; o espelho em frente faz parte do ritual: malhar e se olhar, observar os músculos, os efeitos da malhação, os exercícios executados.

Em ambas também são exibidas televisões, que ficam acessíveis principalmente para os que fazem exercício aeróbicos: esteira e bicicleta. Em uma delas, no entanto, quase o tempo todo são transmitidos programas com lutas de

“vale tudo”, o que causam um imenso fascínio entre os homens, que muitas vezes ficam parados, olhando as lutas e comentando. Eles demonstram grande interesse, principalmente quando um lutador derruba o outro. Quando se muda para algum outro tipo de programa, rapidamente algum freqüentador masculino pede para voltar para a luta. Perguntei para alguns porque gostam tanto de assistir aqueles programas, que na minha concepção, tem grande teor de violência. Todos afirmam que admiram a técnica que os lutadores utilizam pra lutar e, principalmente, para dominar o outro.

Pode-se afirmar que a academia de ginástica apresenta diversidade de pessoas, corpos e representações. Mas pode-se afirmar também que o tempo permite a incorporação da cultura ali explícita, como em qualquer outro ambiente social. Portanto, após um tempo de iniciação da prática, as pessoas incorporam maneiras semelhantes de se vestir e se comportar. Isso se evidencia principalmente entre os homens que vestem, geralmente, bermudas largas até os joelhos, comumente coloridas e camisetas. É raro um homem que não se vista dessa forma. Esse seria o “uniforme”, a vestimenta típica da maioria, principalmente entre as idades de 17 a 25 anos, público que luta a academia principalmente no final da tarde. Aqueles que já desenvolveram o tórax e os braços através de exercícios contínuos usam camisetas mais cavadas, onde braços e ombros esculpidos ficam evidentes, o que permite a admiração da imagem no espelho.

Entre as mulheres ocorre uma diversificação maior da vestimenta e isto se relaciona principalmente à forma física. Calças de lycra predominam, compridas ou principalmente as leggings (até o joelho). São associadas a camisetas largas e compridas – nas mulheres com peso acima da desejável ou com idade mais avançada. Camisetas mais justas e *tops* são demonstrações de corpo em forma e

geralmente são os preferidos pelas mais jovens e com o corpo bem esculpido. Algumas arriscam uma bermuda ou short, associados, claro, à boa forma: pernas e bumbum esculpidos e musculosos.

O ritual da musculação geralmente é o mesmo: alongamento, aquecimento na esteira ou bicicleta, aparelhos de musculação e exercício aeróbico (correr, andar, pedalar). A ordem dos aparelhos, no entanto, geralmente difere de um praticante para o outro e são formulados com o objetivo de cada um: tonificar, ganhar músculos, perder peso e/ou gordura corporal etc. Deve-se ressaltar que esses objetivos podem se associar e podem diferir dependendo da parte do corpo que se pretende esculpir, sempre associados, no entanto, a um consenso corporal: magro, levemente musculoso para as mulheres, musculoso para homens, sem gordura para ambos....

As práticas de malhação têm um caráter sintomático em relação ao consenso corporal brasileiro. As atividades corporais copiam sem dúvida as formas de utilização do corpo na mídia; o corpo torna-se uma superfície virtual, um terreno onde são cultivadas identidades sexuais e sociais. Assim, o corpo se parece com uma obra de arte, onde circulam normas de consenso e ideais corporais. (MALYSSE, 2002)

Aqui se constata também uma grande diferença entre os rituais de homens e mulheres: os homens enfatizam membros superiores: peitoral, braços e ombros e as mulheres, embora mais preocupadas com detalhes, enfatizam membros inferiores: pernas e glúteos. Ambos, como já afirmado, se preocupam com um abdômen sem gordura e bem definido, fato constatado através da prática de um grande número de abdominais realizado por homens e mulheres. Aqui poderíamos supor que existe o encontro entre os dois sexos. A barriga, parte do corpo que se encontra no centro do

corpo, inclui a ligação entre os membros inferiores, preocupação mais tipicamente feminina e o membros posteriores, preocupação mais tipicamente masculina. A barriga pode nos indicar a democratização e o encontro dos gêneros na academia da ginástica, o compartilhar de um interesse em comum.

Nas Discussões em grupo inseri a idéia de gênero como aspecto diferenciador as percepções do corpo entre homens e mulheres. Perguntei “Vocês acham que existe diferença na visão dos homens e das mulheres em relação ao corpo?” Abaixo, algumas respostas,

“Homem não se preocupa tanto” (mulher)

“Homens estão mais vaidosos” (mulher)

“Mulher se espelha nas outras, homem se está se sentindo bem, tá bom...”

(homem)

“Mas os homens que se preocupam exageram” (mulher)

“Poucos homens se preocupam, mas isso tá mudando” (homem)

“Se uma amiga fala, você deu uma engordadinha: a mulher acaba” (mulher)

Lipovetsky (1989, p.136 e 137) também observa um caráter diferenciador ao se abordar corpo e imagem entre homens e mulheres. O homem concebe o corpo e sua imagem de forma sintética:

O neonarcisismo masculino investe principalmente no corpo como realidade indiferenciada, imagem global a ser mantida em boa saúde e em boa forma; pouco interesse pelo detalhe. Sua imagem está ligada a uma manutenção da juventude, do dinamismo, da beleza de todo o seu corpo e não de partes. Já a mulher se concebe de maneira fragmentada, percebe-se aos pedaços: Investe-se em todas as regiões do corpo; o narcisismo analítico detalha o rosto e o corpo em elementos distintos, cada um deles afetado por um valor mais ou menos positivo: nariz, olhos, lábios, pele, ombros, seios, quadris, nádegas, pernas; são objetos de uma auto-apreciação, de uma autovigilância que acarretam 'práticas de si' específicas destinadas a valorizar e a corrigir tal ou tal parte de seu físico" Os padrões de beleza femininos possuem valores de observação escrupulosos, que desencadeiam um inevitável processo de comparação com as outras mulheres (...).

Aqui se percebe uma evidente diferenciação da percepção do corpo associada ao gênero, e é essa divisão corporal remete à idéia de sexo social, já que essas imagens são construídas culturalmente.

Nas duas discussões realizadas, observei que homens e mulheres têm uma representação realmente diferenciada do corpo, mas os respondentes revelaram também que, aos poucos, esta perspectiva tem mudado. Embora reconheçam que são menos preocupados com detalhes, os homens destacaram que alguma parte do corpo específica, como a “barriguinha de *chopp*” começa a incomodá-los. Pode-se atribuir essa mudança sutil ao crescimento da vaidade entre os homens solidificada em fenômenos como o “Metrossexual” (contração de heterossexual com metropolitano, que designa heterossexuais que dão ampla atenção aos cuidados do corpo e à aparência). Essa mudança tem revelado um aumento progressivo do consumo com o mercado de cosméticos entre os homens, e também o aumento de transtornos alimentares entre eles, como já observado, fenômenos que foram mais associados às mulheres (TRINCA, 2007).

Outro aspecto que merece destaque é que nas discussões em grupo e nas entrevistas, as associações do corpo ora remetem a idéia de um corpo total, ora um corpo fragmentado. O corpo é “braço” “perna”, “Uma totalidade, da cabeça ao pé”, “um conjunto de matérias que são constituídas por células, órgãos, cérebro, membros e alma...”. “O corpo é sintonia das partes, movimento e harmonia”

Um conjunto de respostas de professores e alunos remete à dicotomia corpo e alma. “O corpo é o veículo da alma”, “...Lembro-me de uma explicação bíblica que fala que o corpo de muito não vale - do pó viemos, ao pó retornaremos”. “O ser humano é dividido em duas partes: corpo e alma. O corpo é a parte material, física, tocável e a alma é a parte abstrata, interior, intocável de um ser”. Esse conjunto de

respostas me parecem peculiares, porque mostram uma percepção do corpo diferenciada em relação às outras respostas, numa preocupação de destacar a importância do culto da alma e diferenciá-la do corpo, numa época de intensa valorização do físico. Nos lembra a noção do corpo apresentada na Antiguidade e na Idade Média, em que prevalecia essa visão dual do corpo mas que nos permite afirmar que esses entrevistados revelam também uma análise crítica do culto do corpo, a preocupação com outros sentidos da vida, explicada, possivelmente, dentre outros motivos, pelo grau de escolaridade e acesso à informação dos entrevistados. Uma professora, 45 anos pontuou "...parece que estamos regredindo ao mundo helênico onde tudo está em torno do que é belo. E os valores, onde se encaixam"? Creio que além do corpo deve haver a preocupação com a mente, "*Mens Sana in corpore Sano*".

Trinca (2007) enfatiza que hoje começa a se criar uma espécie de aversão mórbida à gordura (lipofobia) que associa diretamente à preguiça e à doença. Algumas empresas começam a implantar no Brasil, a exemplo dos norte-americanos, campanhas contra a obesidade. Algumas afirmam que dietas e programas de ginástica são bons para carreira.

Uma entrevistada afirmou: "Faltam os verdadeiros valores. Estão preocupados em seguir um padrão de beleza como a essência do ser humano. Infelizmente estamos vivendo de acordo como um determinado grupo deseja. Por isso, a sensação que tenho é que o ser humano está se degradando...em decomposição...Em síntese, podemos dizer que a validação de um indivíduo na sociedade não é o seu todo, ou seja, um indivíduo ordinário provido do intelecto, físico e espiritual. Quem não atende o protótipo de um corpo que atenda as

expectativas da comunidade é rotulado, ridicularizado... Não há perdão para os obesos, aqueles que possuem anomalias congênitas etc”

4.4 Corpo Vivido, Corpo Construído

Nessa conjuntura de óbvio interesse pelo corpo, proliferam diversos rituais corporais. A grande procura por academias de ginástica, intervenções, terapias, medicamentos, dentre outros, apontam para uma nova relação do homem com seu corpo e seus projetos de vida. Como já afirmado, o corpo passa ser visto como um artefato e espelho da cultura e também veículo de construção da pessoa.

Goldenberg (2002:8) afirma,

Na segunda metade do século XX, o culto ao corpo ganhou uma dimensão social inédita: entrou na era das massas. Industrialização e mercantilização, difusão generalizada das normas e imagens, profissionalização do ideal estético com abertura de novas carreiras, inflação dos cuidados com o rosto e com o corpo: a combinação de todos esses fenômenos funda a idéia de um novo momento na história da beleza feminina e masculina. A mídia adquiriu um imenso poder de influência sobre os indivíduos, generalizou a paixão pela moda, expandiu o consumo de produtos de beleza e tornou aparência uma dimensão essencial de identidade para um maior número de mulheres e homens.

Nessa convergência entre cultura e identidade, os corpos ganham inúmeras possibilidades de tratamento individualizado. O *Personal Trainer* é um profissional dos novos tempos. Pode-se defini-lo como o profissional de *Fitness* licenciado em Educação Física, qualificado a desenvolver e prescrever programas de treinamento físico individualizado, preferencialmente com conhecimentos nas áreas de treinamento desportivo, fisiologia do exercício, anatomia e biomecânica do movimento. (NOVAES e VIANNA, 1998). Esse profissional se torna cada vez mais solicitado, incorporando uma sociedade mais informada, exigente e que mescla momentos em que se espelha nos outros como aspirações de tratamento

individualizado. Isso se revela, na perspectiva de Goldenberg (2002, p.9), como um paradoxo no sentido de que quanto mais se impõe o ideal de autonomia individual, mais aumenta a exigência de conformidade aos modelos sociais do corpo. As diversas intervenções no corpo testemunham o poder normalizador desses modelos, revelando um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos.

As academias dispõem de vários profissionais que se revezam no apoio aos praticantes de atividade física. Em uma delas todos usam uniforme com os dizeres atrás – “Professor – conte comigo”. Alguns apresentam uniforme de estagiários e ficam na sala de musculação aprendendo e assessorando os praticantes.

Quando um instrutor está atendendo um cliente específico, ele veste uniforme de cor diferente onde, atrás, está especificado “*Personal Trainer*”. Esse profissional, neste momento, recebe por hora e, verifica-se um grande contentamento por parte do praticante. Seu status se torna diferente dos demais, já que está pagando um profissional que está se dedicando só a ele, de acordo com suas especificidades e desejos.

De acordo com Malysse,

Nesse contexto, o *personal trainer* surge como guia espiritual e engenheiro do corpo, um verdadeiro mentor da corporeidade, aquele encarregado de pensar e definir o corpo de seus alunos, numa prática que corresponde à atual personalização dos usos do corpo, estabelecendo uma relação individual entre profissional e aluno. Não se deve esquecer que todas as técnicas corporais são também técnicas do eu, e quem tem dinheiro adquire uma espécie de *second self*. (2002, p.99-100)

Percebe-se um bom entrosamento entre os instrutores, muitos conversam e riem entre si, entre os homens, muitas vezes os papos sobre o time de futebol é motivo de brincadeiras e gozação. As mulheres conversam bastante sobre o corpo e

sobre saídas noturnas, planejam programas juntas etc. Mas o entrosamento entre os homens é infinitamente maior que entre as mulheres nas academias.

No atendimento aos praticantes, verifica-se uma preocupação constante com o sexo masculino, principalmente no auxílio ao carregamento de peso que, visivelmente, muitas vezes, ultrapassam suas capacidades e necessitam continuamente de ajuda, seja de um profissional, de um colega ou de qualquer pessoa próxima. Não é difícil ouvir gritos que demonstram que houve peso além de suas capacidades, numa ânsia de esculpir rapidamente braços e ombros. Possivelmente esse fator, aliado à disposição dos aparelhos são alguns dos determinantes que conduzem a um maior entrosamento entre os homens do que entre as mulheres. Além dos instrutores, os próprios praticantes auxiliam na execução das atividades dos homens, algo raríssimo de acontecer entre as mulheres. Me chamou a atenção, em uma das academias, que alguns homens malham juntos e não é raro ver que eles pedem ajuda para carregar o máximo de peso possível. Existem aparelhos em que, a pedido, algum colega sobre encima para contribuir com os pesos quando está esgotada a capacidade do aparelho.

Na prática de aparelhos existe uma seqüência de exercícios que são dispostos em uma ficha preparada pelos professores e que, geralmente levam em conta os objetivos dos praticantes. Questões como assiduidade, respeito à seqüência, ao tempo de intervalo entre um exercício e outro, alimentação correta antes e depois dos exercícios são itens indispensáveis pra se alcançar o sucesso pretendido, na perspectiva dos instrutores.

Os rituais da musculação não se limitam, na maioria das vezes, apenas aos exercícios, mas à alimentação correta, uso de cremes etc. Para exemplificar, um dia, no vestiário, saiu uma garota, de uns 20 anos de idade, do banho. Comentei o

quanto era desconfortável tomar banho na academia, pela quantidade de coisas que era necessário deslocar de casa, mas afirmei: muitas vezes é necessário, porque vamos daqui direto pra algum compromisso. Ela concordou comigo, mas, na verdade, ela não estava de saída, estava iniciando seu ritual: banho, creme, alimentação, malhação. Não é raro ter alguma mulher se alimentando no banheiro, com uma mistura que lembra cereais com iogurte ou frutas. Muitas tomam banho, passam cremes no corpo, se alimentam e vão malhar depois.

Portanto, ninguém precisa se satisfazer com o corpo que nasceu; ele pode ser domesticado, modelado e reconstruído, até alcançar a perfeição. Trinca (2007, p.66), destaca que, paradoxalmente, a mesma cultura de consumo que proclama a magreza e incentiva diversas formas de remodelação corporal, produz um exército de pessoas obesas ao estimular alimentos industrializados, compostos das mais diversas substâncias artificiais, sintéticas e gorduras. Portanto, são criadas progressivamente, demandas corporais múltiplas e novas exigências para com os indivíduos.

Cada indivíduo é considerado responsável e culpado por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não e cuida. Cada um deve buscar em si as imperfeições que podem (e devem!) ser corrigidas. O corpo, torna-se, também, um capital, cercado de enormes investimentos (tempo, dinheiro etc). O corpo em forma se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual qualquer homem e mulher podem aspirar, se realmente se dedicar a isso. (GOLDENBERG, 2002, p.9)

Duarte (1999) considera que diversas estratégias de otimização do corpo e maximização da vida surgiram em função da sistemática exploração do corpo humano como sede da busca indefinida de perfeição. A perfectibilidade, segundo

ele, estaria explícito em Rosseau, na idéia de que a espécie humana, que acabava de sair do manto protetor da totalidade, na passagem do século XVII para o século XVIII, “é dotada de uma capacidade de se aperfeiçoar indefinidamente, de entrar na senda disso que desde então nós chamamos o progresso, o desenvolvimento, a transformação ilimitada (...)”. (DUARTE, 1999, p.24)

Assim, a perfectibilidade moderna, continua Duarte, pode ser considerada decorrente do fato de que nós somos considerados seres de razão e, portanto, implica no uso sistemático dessa razão para o avanço do ser humano em suas condições de relação com o mundo. A razão humana, no entanto,

só viceja através do contato dos sujeitos com o mundo propiciado pelos sentidos; ela depende da maneira pela qual eles percebem o mundo que os cerca, a é através desses sentidos que poderão construir as suas novas formas de relação com o mundo e se tornar eventualmente cada vez mais aperfeiçoados, mais capazes, mais senhores de seu futuro. (DUARTE, 1999, p.25)

Tanto aqueles que estão fora dos padrões estabelecidos, ou seja, não estão magros, como aqueles que se apresentam em forma e com o corpo à mostra, são motivos de olhares atentos. Enquanto os que estão “fora de forma” chamam atenção por se desviarem de um ideal construído, os corpos esculpidos se tornam alvo de extrema admiração, numa espécie de narciso às avessas, como comentado anteriormente. É como se esse corpo revelasse uma identidade disciplinada e digna de admiração, enquanto o outro extremo revelasse desleixo, mas com a possibilidade ilimitada de transformação.

Nas entrevistas e discussões em grupo, quando perguntados se uma pessoa que se preocupa com o corpo pode ser mais bem sucedida do que alguém que não se preocupa com ele, apresento algumas respostas sintomáticas sobre o assunto,

Um professor, 48 anos, respondeu: “Sim. Não só pela aparência física mas por questões de saúde mesmo, uma pessoa doente terá muitas dificuldades para se empregar por exemplo, e se empregando dificilmente uma pessoa doente vai se manter em um emprego”. Outro professor, 45 anos concorda com a afirmativa: “Sim. Por quê? O corpo funciona como uma engrenagem, todos os órgãos têm que estar funcionando harmonicamente, se ele é saudável a alma e o espírito também são. Assim, o estado de ser saudável e não só estar saudável, permite a pessoa estar sempre pronta para novos desafios e crescimento pessoal, profissional espiritual.”

Uma aluna, 35 anos também responde: “É evidente que sim. A sociedade capitalista tem produzido com muito sucesso a indústria da beleza. Por trás do discurso da auto-estima, homens e mulheres têm dispensado muito tempo e dinheiro para compor o padrão de beleza aceitável. A busca por este padrão se expressa nas relações pessoais, efetivas e profissionais”.

Essa última opinião é sintomática sobre o assunto. Reportagem da Revista Boa Forma, set de 2007, revela que existe hoje, uma associação entre essa disciplina no campo físico e a produtividade no campo profissional. A mesma perseverança que uma pessoa teria para transformar seu corpo, ela poderia acrescentar no seu cotidiano profissional. Portanto, cada indivíduo é considerado responsável (e culpado!) por sua juventude, beleza e saúde: só é feio quem quer e só envelhece quem não e cuida. Cada um deve buscar em si as imperfeições que podem (e devem!) ser corrigidas.

Assim, atualmente, mais do que nunca, a aparência física é levada em conta não apenas no terreno do amor e do sexo, mas em todos os relacionamentos pessoais. Queiroz (1999: 59) complementa: “nas sociedades modernas, estabeleceu-se uma identidade entre beleza corporal, inteligência e poder aquisitivo elevado.”

O corpo, torna-se, também, um capital, cercado de enormes investimentos (tempo, dinheiro etc). O corpo em forma se apresenta como um sucesso pessoal, ao qual qualquer homem e mulher podem aspirar, se realmente se dedicar a isso. (GOLDENBERG, 2002, p.9)

Assim, ainda na perspectiva de Goldenberg (2002, p. 20,21), é possível imaginar que muitos indivíduos e grupos estejam se apropriando do corpo como um meio de expressão (ou representação) do eu. A sociedade atual promove a substituição do corpo pela alma, corpo é visto como objeto de salvação e central na construção da existência e afetos. O corpo torna-se uma espécie de alter ego do sujeito, um outro, maleável de acordo com suas vontades. No imaginário, essa alteração do corpo remete a uma alteração moral do homem: sua passagem a um outro tipo de humanidade autoriza a constância do julgamento ou do olhar sobre ele. (LE BRETON, 1995; 1999)

Finalmente, em muitos momentos, vejo as academias como uma fábrica de corpos, um ambiente que me muito lembra o memorável filme de Chaplin, Tempos Modernos, numa sátira ao fordismo. No entanto, ao invés de peças, verificam-se corpos. As máquinas ficam no lugar e homens e mulheres vão de um aparelho a outro, num ritual em que corpos são esculpidos parte por parte, um ritmo sincronizado, padronizado; investimento de dedicação e tempo para fabricar corpos magros e musculosos.

Um entrevistado afirmou “A capa do livro diz muito sobre ele. Com as pessoas acontece da mesma forma. Nós nos importamos com nosso corpo porque não podemos ser inferiores. Não queremos fugir dos rígidos padrões de beleza e bem estar. No fundo o corpo pode ser usado com um instrumento de aceitação na

sociedade. O interior nos distingue muito, mas o exterior pode transmitir a imagem que eu desejar.”

O corpo, construído e reconstruído nas academias de ginástica poderia representar uma capacidade inesgotável de auto reconstrução e, porque não dizer, do eu. É algo que se pode e deve investir, cuidar e exibir como medalha. Nesta mistura de adaptação com os padrões estéticos, identifica-se também a necessidade de diferenciação, ao querer exibir uma conquista e uma performance superior ao outro. Ao que parece, existe uma competição silenciosa nas academias de ginástica, que se confunde com a necessidade de homogeneizar e, ao mesmo tempo, se diferenciar. As tatuagens representam simbolicamente esse intuito. Elas atribuem uma marca única no indivíduo e, não é raro um “malhador de carteirinha” exibir uma.

Le Breton (1999) considera que as marcas corporais (tatuagens, *piercing*...) são signos de uma mudança radical em relação ao corpo. "a marca corporal traduz a necessidade de completar, por iniciativa pessoal, um corpo que não chega a incorporar/encarnar a identidade pessoal" (1999, p.98). Nessas práticas de individualização, que levam a uma recriação de si, o corpo se torna uma extensão do eu, a parte visível do "ego".

4.5 Corpo individual, Corpo coletivo: paradoxos das representações do corpo

Uma infinidade de atributos e representações se associam ao corpo humano na sociedade contemporânea. No entanto, algumas colocações podem ser feitas a partir das discussões teóricas e empíricas aqui apresentadas.

Primeiramente, fica evidente que existe uma tensão entre a individualização dos corpos e sua coletivização. As pessoas, em suas representações do corpo,

oscilam na necessidade de se enquadrar nos padrões da sociedade, mas, ao mesmo tempo, se vêm inclinadas a se diferenciar. Tatuagens, *piercings*, mudanças constantes na imagem são questões que atestam esse paradoxo entre o individual e o coletivo.

Segundo Vigarello (2006, p. 189), isso dá uma coloração bem precisa à cultura de hoje. A fascinação da escolha, por caminhos individuais, é tão forte que se impõe mesmo quando a norma parece mais premente e mais coletiva. Emagrecer, por exemplo, se torna uma obrigação rigorosa, generalizada: no entanto, nada há de mais individual e personalizado. Os instrumentos emagrecedores, dos mais simples aos mais sofisticados, multiplicam-se ao infinito, mas devem ser “adaptados ao seu estilo de vida e sua morfologia”. A tática individual se instala “o regime deve ser personalizado”, “os cuidados devem ser elaborados pessoalmente”. É o paradoxo do coletivo se sobrepondo ao individual e vice-versa. Numa perspectiva inversa, Goldenberg (2002, p.9) também sinaliza para essa tensão entre a coletivização e individualização dos corpos,

Se é bem verdade que o corpo se emancipou de muitas de suas antigas prisões sexuais, procriadoras ou indumentárias, atualmente encontra-se submetido a coerções estéticas mais imperativas e geradoras de ansiedade do que antigamente. A obsessão com a magreza, a multiplicação dos regimes e das atividades de modelagem do corpo, a disseminação da lipoaspiração, dos implantes de próteses de silicone nos seios, de *botox* para atenuar as marcas de expressão na face e da modelagem de nariz testemunham o poder normalizador dos modelos, um desejo maior de conformidade estética que se choca com o ideal individualista e sua exigência de singularização dos sujeitos. (GOLDENBERG, 2002, p.9)

O corpo e suas representações hoje aparecem, portanto, como a interface entre a individualidade naquilo que tem de mais singular e o grupo, mas igualmente entre a biologia e o social. ‘Dentro’ e ‘fora’ desvanecem-se, cedendo lugar a uma

nova premissa: 'através' do corpo, espelho da atual dificuldade em estabelecer-lhe uma fronteira precisa. (FIDALGO E MOURA, 2004)

No entanto, a fronteira entre corpo – fruto incontestável das marcas e intervenções da cultura - e corpo sujeito – corpo subjetivo, onde há o domínio da experiência ou da forma como as experiências são vividas, bem como se apóia na possibilidade de ação e na confusão com o próprio ser - não é de um discernimento fácil. O corpo seria, simultaneamente, objeto e sujeito, construído e vivido.

De acordo com Csordas (1994, p.1), tipicamente o tipo de corpo para o qual a sociedade se acostumou é uma entidade fixa, material, sujeito às regras empíricas de ciência biológica, existindo antes de uma mutabilidade, fluxo de mudança cultural e diversidade e caracterizado por necessidades internas inalteráveis. O corpo novo que começou a ser identificado já não pode ser considerado como um fato bruto de natureza.

Portanto, de um ponto de vista social, o corpo pode ser visto tanto como princípio de individuação como de subjetivação. Paradoxalmente, de uma visão íntima, constitui o nó onde se articulam o indivíduo e o grupo, a natureza e a cultura, a coerção e a liberdade. (DÉTREZ, 2003, SANT'ANNA, 2001). O corpo torna-se uma espécie de alter ego do sujeito, um outro, maleável de acordo com suas vontades. (LE BRETON, 1995; 1999)

O corpo é vivido como se fosse um objeto inacabado, incompleto, um puro rascunho da identidade pessoal, onde se estabelecem subjetividades, paradoxos e padrões e normas de consenso. “O corpo, esse cartão de visitas de carne e osso..., é uma verdadeira apresentação de si próprio por meio da aparência.”(MALYSSE, 2002, p.109)

Um outro conjunto de representações remete à idéia de gênero. Homens e mulheres cultuam o corpo de maneira diferenciada. De fato, se no passado a beleza foi associada à feminilidade, e os padrões de exigência com as mulheres são mais severos ainda, na atualidade percebe-se claramente uma mudança de atitude por parte do universo masculino. Corpos musculosos e magros passam a ser um imperativo para os homens. O aumento de transtornos alimentares entre os homens, bem como uma aceleração no mercado direcionado aos homens atestam essas afirmações. Matéria publicada pela Revista Isto É revela que em 14 anos de existência do Ambulatório de Bulimia e Transtornos Alimentares do Hospital das Clínicas de São Paulo tratou de 900 pessoas, apenas 5 eram do sexo masculino. No entanto, em fevereiro de 2006, para o atendimento de anorexia, houve dez inscrições masculinas. O mercado de cosméticos direcionados ao homem também sinaliza para o crescimento da vaidade masculina. No Brasil, de acordo com a Revista Veja Especial Homem, de agosto de 2004, 66% dos homens declararam dar muita importância à aparência. A venda de produtos de beleza para esse segmento subiu 14,4% nos últimos anos. (TRINCA, 2007)

É fato também que no conjunto de representações sobre o corpo existe uma oscilação entre a adequação aos parâmetros impostos socialmente do corpo magro e esbelto com uma perspectiva crítica sobre o assunto. O aumento dos índices de transtornos relacionados ao corpo, tanto para homens como para mulheres têm favorecido os debates acerca do culto do corpo e seu exagero. O corpo se tornou objeto de reflexão não só no campo acadêmico, mas nas discussões e práticas cotidianas.

CONCLUSÃO

Objetivou-se, no presente estudo, estudar as representações do corpo e os significados que ele adquire através do estudo das práticas concretas. Do ponto de vista teórico, aqui foram discutidas duas grandes vertentes nas discussões acerca do corpo. Um grupo dessas discussões, representadas pelos autores Mauss, Foucault, Détrez, Malysse, Goldenberg, dentre outros, se apóia na perspectiva do corpo como fruto da cultura; portanto, o corpo é objeto, construído e modelado segundo concepções sociais, os valores vigentes de uma época e de uma determinada sociedade.

Um outro grupo, que se apresenta na fronteira dessas discussões, poderia ser representado por Le Breton, Csordas, novamente Malysse e Goldenberg, dentre outros, discute o corpo um processo cultural, mas também como identidade. O corpo nestas discussões é sujeito, suporte e veículo de construção do indivíduo.

Esses dois grupos de teorias, no entanto, ao invés de se oporem se complementam. O corpo deve ser pensado a um só tempo enquanto agente e objeto: ele é ao mesmo tempo a ferramenta original com que os humanos moldam o seu mundo e a substância original a partir da qual o mundo humano é moldado. Assim, toda a expressão corporal é apreendida, e, como já afirmado antes, faz-se necessário reafirmar a interdependência entre o que chama Mauss (1991) de domínio físico, psicológico e social.

Os dados empíricos indicaram uma gama de representações e interpretações variadas acerca do corpo, mas que, no entanto, de maneira inequívoca, comprovam

sua centralidade na vida social. Podemos sinalizar para o fato de que essas representações indicam uma tensão entre individualização e coletivização. Ao mesmo tempo em que homens e mulheres buscam a adequação dos seus corpos aos parâmetros da sociedade: corpos magros, malhados, musculosos, percebe-se também a necessidade de individualização, de distinção. Os corpos construídos nas academias, nas cirurgias plásticas, nas práticas cotidianas mostram essa necessidade de conformação e ao mesmo tempo de distinção; o corpo é uma matéria viva, construído e reconstruído.

Concluimos também que nesse conjunto de representações sobre o corpo emerge conseqüentemente uma perspectiva crítica em relação ao seu culto, associada, possivelmente ao nível sócio-cultural dos entrevistados: professores e alunos universitários, bem como ao conjunto de informações que atestam a incidência de patologias associadas ao culto exagerado do corpo.

Nessa relação com o corpo, homens e mulheres se mostram através delas, confundimos corpo e identidade, práticas e símbolos. Finalmente, os estudos comprovam que o corpo se tornou um elemento vitalizador da vida social, está em debate, em movimento, e emerge com um dos protagonistas das relações sociais.

Referências Bibliográficas

ALVES, Paulo César. RABELO, Miriam Cristina. Corpo, experiência e cultura. In: LEIBING, Annette (org.). Tecnologias do corpo: uma antropologia das medicinas no Brasil. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2004. pág 175 a 200.

ANDRADE, Abrahão Costa (UFRN). A natureza humana como corpo. In: <http://www.cafefilosofico.ufrn.br/abrahamo.htm>. Acesso em 14/07/2007

BALLONE GJ - *Vigorexia* - in. PsiqWeb, Internet, disponível em < > revisto em 2004

BONET, Octávio. Emoções e sofrimentos nas consultas médicas: implicações de sua irrupção. In: Revista Teoria e Cultura, vol 1, nº 1, 2006

BOURDIEU, Pierre. La creencia y el cuerpo. In: Bordieu. El Sentido Práctico. Madrid: Taurus ed, 1991.

CARELI, Gabriela. O poder do Belo. In: Revista Veja, 26 de maio de 2004: pág 84 a 89

CASTRO, Eduardo Viveiros de. O nativo relativo. Mana vol.8 nº1, Rio de Janeiro Abril, 2002

CSORDAS, Thomas .Embodiment and Experience – the existential ground of culture and self, London: Cambridge University Press, 1996, pp. 01-24.

DAMÁSIO, Antônio. Em busca de Espinosa. Prazer e dor na ciência dos sentimentos. São Paulo, Companhia das Letras, 2004.

DE MASI, Domenico. O ócio criativo. Rio de Janeiro, Sextante, 2000.

DÉTREZ, Christine. Santas ou feiticeiras: a construção social do corpo feminino. Labrys estudos feministas, número 4, agosto/dezembro 2003

DUARTE, Luiz Fernando Dias. O império dos sentidos: sensibilidade, sensualidade e sexualidade na cultura ocidental moderna. In: HEILBORN, Maria Luiza (org.) Sexualidade. O olhar das ciências sociais. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1999.

DURKHEIM, E. Representações individuais e representações coletivas. In: _____ Sociologia e filosofia. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, p. 15-49,1970.

FIDALGO, António. MOURA, Catarina. Devir (in)Orgânico: Entre a humanização do objecto e a desumanização do sujeito. *Revista de Comunicação e Linguagens*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2004

FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade. I A vontade de saber , Vol. I, RJ: Graal, 1977

_____. Vigiar e punir, Petrópolis- RJ, Ed.Vozes,1987

GEERTZ, Clifford. Interpretação das culturas. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1978

GOLDENBERG, Miriam. RAMOS. A civilização das formas: o corpo como valor. In _____ (org.). Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca RJ: Ed. Record, 2002.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. Educação & Realidade, v. 22, n.2, jul./dez., 1997.

HALL, Stuart. A identidade cultural na pós-modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro: Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

HARAWAY, Donna, "A Manifest for Cyborgs: Science, technology and socialist feminism in the 1980s", in Socialist Review, 1985.

LASCH, Christopher. O mínimo eu. Sobrevivência psíquica em tempos difíceis. 4ª edição. São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

LE BRETON, David. L'adieu au corps. Paris: Editions Métalié, 1999.

_____. Antropologie du corps et modernité. Paris: PUF, 1995.

LIMA, Tânia Stolze. O que é um corpo? Religião e Sociedade. Vol. 22, nº 1, 2002

LINHARES, Juliana et all. Geração Vaidade. In: Revista Veja, 11 de maio de 2005: pág 85 a 88.

LIPOVETSKY, Gilles. A Era do Vazio. Antropos, 2003.

_____. O império do efêmero. A moda e seu destino nas sociedades modernas. 2ª reimpressão. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MALYSSE, Stéphane. Em busca dos (H) alteres-ego. Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In GOLDENBERG, Miriam (org.). Nu e vestido. Dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca RJ: Ed. Record, 2002.(79 a 137)

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: Sociologia e Antropologia, 1991

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. (Carlos Alberto Ribeiro de Moura, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. 1994.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O conceito de representações sociais dentro da sociologia clássica. In.: GUARESCHI, Pedrinho; JOVCHELOVITCH, Sandra (orgs.). Textos em representações sociais. 2ª. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.

_____. O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde. Hucitec-Abrasco: Rio de Janeiro, 1996. 269 p.

_____. (org.). Pesquisa social. 19ª edição. Petrópolis, RJ: Editora Vozes: 1994. pa'g 7 a 25.

MOSCOVICI, Serge. A representação social da psicanálise. (A. Cabral, Trad.). Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

_____ On social representations. Em J.P. Forgas (Ed.). *Social cognition: perspectives on everyday understanding*. London: Academic Press, 1981. pp. 181-209.

NOVAES, Jefferson S. VIANNA, Jeferson M. Personal Training e Condicionamento físico. Rio de Janeiro, Shape, 1998.

PÁEZ, D. "Características, funciones y proceso de formación de las representaciones sociales". In: Páez, D. et alii. *Pensamiento, individuo y sociedad: cognición y representación social*. Madrid, Fundamentos (Psicología Básica y Clínica), 1987.

PAIM, Maria Cristina Chimelo. STREY, Marlene Neves. Corpos em metamorfose: um breve olhar sobre os corpos na história, e novas configurações de corpos na atualidade. *Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - N° 79 – Diciembre 2004*. IN: [Http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm](http://www.efdeportes.com/efd79/corpos.htm)

QUEIROZ, Marcos. Saúde e doença: um enfoque antropológico. São Paulo, Ed Edusp, 2003

QUEIROZ, Renato da Silva. A beleza em foco: condicionantes culturais e psicobiológicos na definição de estética corporal. In: QUEIROZ, Renato da Silva (org) *O corpo do brasileiro, noções de estética e beleza*. São Paulo, Ed Senac, 2000

RIBEIRO, M; ZORZETTO, R. O avesso Narciso. *Pesquisa FAPESP*; São Paulo, n. 103, pág 34-39, set 2004.

SANT'ANNA, Denise B. "É Possível Realizar uma História do Corpo?", in C. L. Soares (org), *Corpo e História*. Campinas, Autores Associados, 2001.

SANTOS, Jair Ferreira. *O Que é Pós-Moderno*. São Paulo, Brasiliense, 1986.

SILVA, Ana Márcia. Elementos para compreender a modernidade do corpo numa sociedade racional. *Cadernos Cedes*, ano XIX, nº 48, Agosto/99

SOLOMON, Michael R. Imagem corporal. In: *O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo*. 5ª edição, Porto Alegre: Bookman, 2002. Pág 125 a 135.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. Pesos e Medidas. In: *Revista Sociologia*, Número 4 – Editora Escala, São Paulo: 2007. Pág 60 a 68.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros*, Lisboa: Vega, 1999.

VARGAS, Eduardo Viana. MOREIRA, Giselle Moraes. RIBEIRO, Mário Sérgio. Et all. O consumo de substâncias psicoativas em Juiz de Fora. In: *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, vol. 48, setembro de 1999.

VIGARELLO, Georges. *História da beleza*. Tradução Léo Schlafman. Rio de Janeiro, Ediouro, 2006.

Anexo 1

ROTEIRO DE ENTREVISTAS E DISCUSSÃO EM GRUPO

- 1 Qual a primeira imagem que você que vem à cabeça quando se fala a palavra corpo?
- 2 O que é um corpo para você?
- 3 O que é seu corpo? Você se preocupa com ele? Desde quando?
- 4 Você poderia me listar quais são as atividades relacionadas ao corpo que você pratica? Quais os objetivos dessas práticas?
- 5 dos itens saúde, juventude e beleza, qual deles é mais importante quando você pensa no seu corpo?
- 6 você considera que uma pessoa que se preocupa com o corpo pode ser mais bem sucedida do que alguém que não se preocupa? Por quê?
- 7 Vocês acham que existe diferença na visão dos homens e das mulheres em relação ao corpo?